

CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Felicidade e Célio Sarmento da Silva – CONDIR NORTE

Jane e José Domingos Liuth – CONDIR SUDESTE

Lenir e Silvano Barbosa de Souza – CONDIR SUL

Maria do Rosário e Felipe de Castro Figueiredo – CONDIR NORDESTE

Zilda e Dorvalino Marcon – CONDIR CENTRO-OESTE

Rosana e Rubens Carvalho – COORDENAÇÃO NACIONAL

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Gabryel Oliveira de Souza

Jorge Antônio Soares Leão, Lucilea do Socorro Souza Costa, Kleber José Oliveira Rodrigues, Maria Sebastiana Soares Leão

Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Ailton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)

Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)

Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

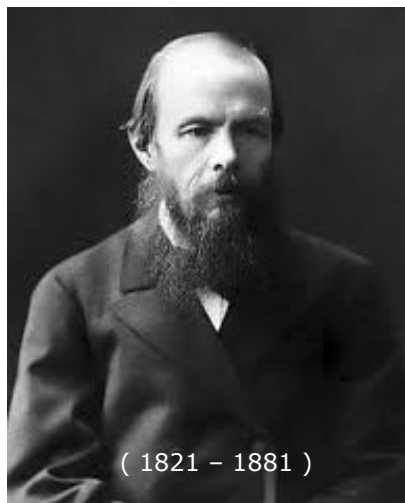
Biografias que marcaram a Humanidade	4	Ao chegar no cume da montanha.	33
Fiódor Dostoiévski		Tempo de aprender	34
Cultive a Vida	6	Relato do CONDIN em São Luís... ..	38
Conversas com Paulo Freire	8	Equipe Estadual do Maranhão	
Canção Para os Fonemas da Alegria	11	Seção Saúde Integral	40
Thiago de Melo		Nosso sangue não pode ser ácido	
Perdão: o que você ganha com isso?.....	13	O que vejo no espelho.....	45
Lucilene Lera Alciati		O que você carrega consigo... ..	46
Nunca sentiste, ao amar.....	15	O diálogo	49
É Natal.....	16	Eia agora	52
Deonira L Viganó La Rosa		O sentido mais profundo do Natal em nosso viver.	54
Caminhos de Juventude... ..	18	Solange e José Ailton Monteiro	
Amorização	19	Natal é não... Natal é sim... ..	57
O compromisso político do cristão	20	José Francisco M. Britto	
Não a uma economia da exclusão	23	Reflexões sobre a 7ª arte	58
Flexibilidade	26	Dicas de Leitura	61
Jorge Leão		Aproveita	65
O silêncio	28	Como vai ser, não sei... ..	66
"Beber água é direito de todos"	29		
Solange Castellano F. Monteiro			
Prece à Irmã Mãe Terra	32		

Duzentos anos de nascimento de FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Em um pequeno hospital de Moscou, na verdade um sanatório para pobres onde seu pai trabalhava como médico, nasce Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, em 11 de novembro de 1821.

Época do domínio czarista sobre a Rússia, Dostoiévski cresce sobre a sombra do pai. Logo cedo, aos dezoto anos, é mandado por ele para a Escola de Engenharia Militar de São Petersburgo, um ano depois da morte de sua mãe por tuberculose. Em sua breve carreira militar, aprofunda-se nas literaturas russa e francesa.

Em 1840, perde seu pai, assassinado pelos servos de sua pequena propriedade rural. Passando por constantes dificuldades materiais, abandona em 1844 a carreira militar, dando início à sua intensa vocação literária, com a composição de seu primeiro romance "Gente Pobre", uma descrição do ambiente em que vivia. Dois anos depois, o publica, recebendo ótima aceitação de público e de crítica. É nesse período que o escritor ingressa no



círculo dos socialistas utópicos de São Petersburgo, fato que trará como consequência sua prisão e condenação à morte, sendo acusado de participar de um plano de assassinato do czar Nicolau I. instantes antes da execução, tem a sentença mudada por ordem do próprio czar para quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria.

A sua experiência de reclusão no gelo siberiano foi retratada na obra "Recordações da Casa dos Mortos", de 1861, ano em que também publica "Humilhados e Ofendidos". Volta para São Petersburgo

em 1860, três anos depois de casar-se com sua primeira mulher, Maria Dimítrievna Is-sáiev, que conhecera durante a sua prisão na Sibéria.

Funda posteriormente, ao lado do irmão Mikhail, sua primeira revista literária, O Tempo. Não sendo publicada, lança em 1864 outra revista, A Época, onde publica a primeira parte de Memórias do Subsolo. Em 1864, dois outros fatos marcariam sua vida: a morte de sua mulher e de seu irmão.

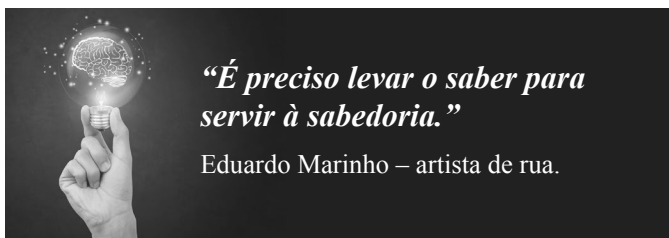
Dois anos mais tarde conhece Ana Grigórievna, que veio tornar-se sua segunda mulher, que permanecerá a seu lado até o fim de sua vida. É também em 1866 que publica o seu primeiro grande romance: "Crime e Castigo", e chega a terminar, com a preciosa ajuda de Ana Grigórievna, outra grande obra: "O Jogador".

Entre os anos de 1867 a 1871, os dois viajam pela Europa; é um período de intensa crise financeira para o casal, obrigando Dostoiévski a escrever por encomenda. E quando publica "O Idiota",

em 1868 e "O Eterno Marido", já em 1870. Voltando a São Petersburgo, acontece a publicação de "Os Demônios", a primeira parte de "Diário de um escritor", que se inicia em 1873 e é concluído em 1881, e "O Adolescente", em 1875. Três anos mais tarde, mais uma perda familiar: o filho de três anos, Alexei.

Das cinzas de seu sofrimento, nasce a ideia de um grande projeto literário, talvez a sua maior ousadia como escritor, é quando começa a composição de "Os Irmãos Karamázov", planejado para duas partes, sendo publicada a primeira parte no final de 1880. Dias depois da publicação, vítima de uma hemorragia aguda, morre Dostoiévski, deixando inconclusa a sua grande obra, considerada a síntese de seu pensamento como escritor.

*Jorge Leão, Membro do
Movimento Familiar Cristão,
em São Luís, MA. Professor
de Filosofia do IFMA,
campus Monte Castelo.*



***“É preciso levar o saber para
servir à sabedoria.”***

Eduardo Marinho – artista de rua.





Cultive a Vida

Cultive os bons sentimentos, pois eles invadem o organismo e fazem as células funcionarem para produzir saúde.

Cultive auto-estima e desenvolva a teologia do corpo. Todos os dias louve a Deus pelas suas qualidades e corrija os seus defeitos.

Cultive os bons pensamentos e a boa imaginação, porque eles programam a vida. Para ter pensamentos positivos com relação a você e às pessoas, perdoe e não guarde rancor, pois ele gera doenças.

Cultive a concentração através da oração mental e comunitária, sobretudo a boa convivência, através da qual se pode desenvolver a ternura, a amizade e a acolhida. Toda atitude deve ser recíproca. O desejo mais

profundo do ser humano é amar e ser amado.

Cultive o hábito de não se referir a ninguém de forma negativa. Cultive o hábito do bom humor, da alegria. Seja comunicativo, mantenha boas relações, pois a causa principal das doenças é de origem emocional. O segredo é o controle da mente e das emoções. Ter a mente, a ação e o pensamento organizados e manter-se calmo proporcionam harmonia aos que estão ao seu redor.

Cultive a capacidade de refazer esquemas mentais relacionados à sua visão do mundo: hábitos alimentares, repouso, lazer, férias, caminhadas. Autorize-se a fazer exercícios. Cultive a harmonia por meio da seleção dos alimentos. Preocupe-se com a qualidade e

não só com a quantidade.

Cultive o hábito de participar de grupos que lutam pela vida e pela saúde, que trabalham prevenindo doenças, pensando na saúde como um todo. Cultive o hábito de lutar pelo melhoramento e pela conservação da natureza. Cultive o hábito de pensar na saúde global.

Cultive a terra e use recursos naturais para conservá-la. Cultive hortas medicinais e alimentícias. Cultive grupos de Saúde Comunitária. Lute contra a cultura do individualismo.

Fonte: SOUZA, Maria de Lourdes.
Cuidando da saúde – Troca de saber sobre plantas medicinais e alimentos. 3ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 35 – 36.

ATENÇÃO: DADOS DE ASSINATURA ATUALIZADOS

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 40,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 33617-3 agência 2372-8 Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (31) 9778-7488**

E-mail: livraria.mfc@gmail.com



Rua Terezinha Reis Ferreira, 280 - Bairro Rochedo
Conselheiro Lafaiete - MG - CEP 36404-169



CONVERSAS COM PAULO FREIRE

A capacidade de decisão da educadora ou do educador é absolutamente necessária a seu trabalho formador. É testemunhando sua habilitação para decidir que a educadora ensina a difícil virtude da decisão. Difícil na medida em que decidir é romper para optar. Ninguém decide a não ser por uma coisa contra a outra, por um ponto contra outro, por uma pessoa contra outra. Por isso é que toda opção que se segue à decisão exige uma criteriosa avaliação no ato de comparar para optar por um dos possíveis pólos ou pessoas ou posições. É a avaliação com todas as implicações que ela engendra, que me ajuda, finalmente, a optar.

Decisão é ruptura nem sempre fácil de ser vivida. Mas não é possível existir sem

romper, por mais difícil que nos seja romper.

Uma das deficiências de uma educadora é a sua incapacidade de decidir. Sua indecisão, que os educandos entendem como fraqueza moral ou como incompetência profissional. A educadora democrática, só por ser democrática, não pode anular-se; pelo contrário, se não pode assumir sozinha a vida de sua classe não pode, em nome da democracia, fugir à sua responsabilidade de tomar decisões. O que não pode é ser arbitrária nas decisões que toma. O testemunho, enquanto autoridade de não assumir o seu dever, deixando-se tomar na licenciosidade é certamente mais funesto do que o de extrapolar os limites de sua autoridade.

Há muitas ocasiões em que o bom exemplo pedagógico, na direção da democracia, é tomar a decisão com os estudantes, depois da análise do problema. Em outros momentos, em que a decisão a ser tomada deve ser da alçada da educadora, não há por que não assumi-la, não há por que omitir-se.

A indecisão revela falta de segurança, uma qualidade indispensável a quem quer que tenha responsabilidade no governo, não importa se de uma classe, de uma família, de uma instituição, de uma empresa ou do Estado.

A segurança, por sua vez, demanda competência científica, clareza política e integridade ética.

Não posso estar seguro do que faço se não sei como fundamentar cientificamente a minha ação, se não tenho pelo menos algumas ideias em torno do que faço, de por que faço, para que faço. Se pouco ou nada sei sobre ou a favor de que e de quem, de contra que e contra quem faço o que estou fazendo ou farei. Se não me move em nada, se o que faço fere a dignidade das pessoas com quem trabalho, se as exponho a situações vexatórias que posso e devo evitar, minha insensibilidade ética, meu cinismo me contra-indicam a encarnar a ta-

refa do educador. Tarefa que exige uma forma criticamente disciplinada de atuar com que a educadora desafia seus educandos. Forma disciplinada que tem que ver, de um lado, com a competência que a professora vai revelando aos educandos, discreta e humildemente, sem estardalhaços arrogantes; de outro, com o equilíbrio com que a educadora exerce sua autoridade – segura, lúcida, determinada.

Nada disso, porém, pode ser concretizado se falta à educadora o gosto da procura permanente de justiça. Ninguém pode proibi-la de gostar mais de um estudante, por n razões, do que dos outros. É um direito seu. O que ela não pode é preterir o direito dos outros em prol do seu preferido.

Há outra qualidade fundamental que não pode faltar à educadora progressista e que exige dela a sabedoria com que se dê à experiência de viver a tensão entre a paciência e a impaciência. Nem a paciência sozinha nem a impaciência solitária. A paciência sozinha pode levar a educadora a posições de acomodação, de espontaneísmo, com que nega seu sonho democrático. A paciência desacompanhada pode conduzir ao imobilismo, à inação. A impaciência, sozinha, por outro lado, pode levar a educadora ao ativis-

mo unilateral, à ação por si mesma, à prática em que não se respeitam as necessárias relações entre tática e estratégia. A paciência isolada tende a obstaculizar a consecução dos objetivos da prática, tornando-a “tenra”, “macia” e inoperante. Na impaciência insulada ameaçamos o êxito da história. A paciência só, se exaure no puro blá-blá-blá, a impaciência a sós, no ativismo irresponsável.

A virtude não está, pois, em nenhuma delas sem a outra, mas em viver a permanente tensão entre elas. Viver e atuar impacientemente paciente, sem jamais se dar a uma ou a outra, isoladamente.

*Fonte: FREIRE, Paulo.
Professora sim, tia não. Cartas
a quem ousa ensinar. 9ª.
edição. São Paulo: Editora
Olho d'água, s/d, p. 60 – 62.*



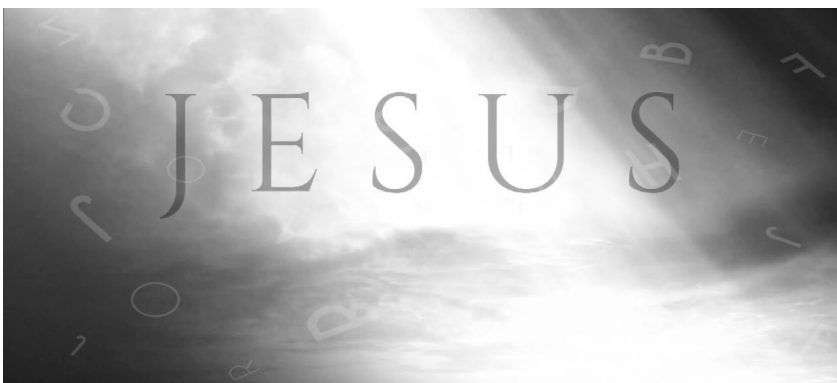
ATENÇÃO: DADOS DE ASSINATURA ATUALIZADOS

AVISO AOS ASSINANTES

- 1. Para renovar sua assinatura, basta efetuar um depósito ou transferência para nossa conta 33617-3, agência 2372-8 do Banco do Brasil no valor de R\$ 40,00**
- 2. ATENÇÃO: É indispensável que nos comunique a data do depósito ou da transferência através do e-mail: livraria.mfc@gmail.com ou Whatsapp: (31) 9778-7488**
- 3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.**
- 4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago.**



**Temos o máximo
prazer em mantê-lo
como assinante.**



Canção Para os Fonemas da Alegria

*Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente para desfraldar
este canto de amor publicamente.*

*Sucede que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.*

*Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano,
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,*

*e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas*

*são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassois gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.*

*Às vezes nem há casa: é só o chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente, que acaba de nascer:*

*porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,*

*e acaba por unir a própria vida
no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão*

*que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que paga por ser homem,
mas um modo de amar – e de ajudar*

*o mundo a ser melhor. Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:*

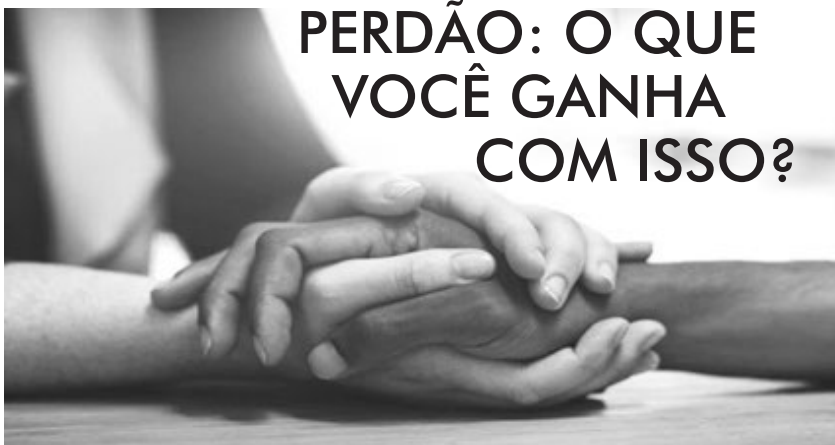
*ele atravessa os campos espalhando
a boa-nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, frente a frente,*

*contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.*

*Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:*

*canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

Thiago de Melo
Santiago do Chile,
Verão de 1964.



PERDÃO: O QUE VOCÊ GANHA COM ISSO?

Já reparou o quanto a raiva e o rancor têm ocupado espaço dentro de nossa mente e de nosso coração? O quanto temos nossa saúde física e mental debilitada por esses sentimentos? Pois bem, o remédio para isso é um só: Perdão!

Muitas vezes acreditamos que o perdão é um presente oferecido àquele que nos magoou ou agrediu, quando na verdade perdoar é um ato de amor próprio. Ganhamos leveza e paz interior quando conseguimos abandonar o ódio e a tristeza envolvidos na ofensa que trazemos em nossa história. Perdoamos para deixar de carregar sobre os ombros um peso totalmente desnecessário que nos impede de viver plenamente nossos dias.

Então, por que perdoar pode ser tão difícil?

Talvez porque perdoar significa deixar a raiva ir e isso possa parecer assustador em alguns momentos, como se sentir raiva trouxesse algum tipo de falso benefício. Quantas vezes você usou a raiva para punir os outros? Ou talvez, você a tenha usado para fazê-los se sentir culpados, ou até mesmo para se manter no lugar de vítima?

Fato é que a raiva nos mantém prisioneiros daquele acontecimento que nos feriu e seguirá nos ferindo até que o resolvamos. E isso se faz com liberdade interior, que só o perdão é capaz de nos oferecer.

Mas, é importante diferenciar o que é perdão, do que não é perdão.

Perdoar não é justificar o erro, não é concordar com a falta cometida, não é negar ou reprimir a dor. Perdoar tam-

bém não é reconciliar-se com o outro, isso é outra etapa que pode ou não acontecer.

Perdão é uma decisão, uma atitude, é um novo jeito de viver, que muda nossa maneira de olhar as ações do outro, porque como diz Robin Casarjian, “o perdão não está naquilo que fazemos e, sim, na maneira como percebemos as pessoas e as circunstâncias”.

E neste sentido, o MFC Nacional, buscando sempre estar atualizado no firme propósito de sua missão, realizou, entre os dias de 10 a 14 de novembro de 2021, o encontro de

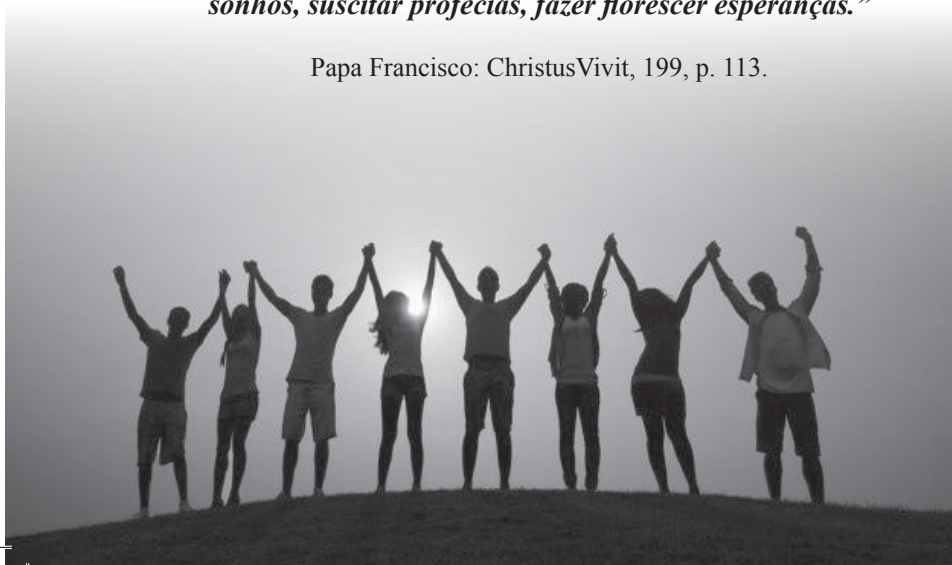
formação de Multiplicadores do ESPERE – Escola de Perdão e Reconciliação, o qual capacitou vinte voluntários Mfecistas do Brasil todo, que agora carregam no coração esse desejo de anunciar que uma vida mais leve é possível através do perdão. Fique atento, novidades estão chegando!

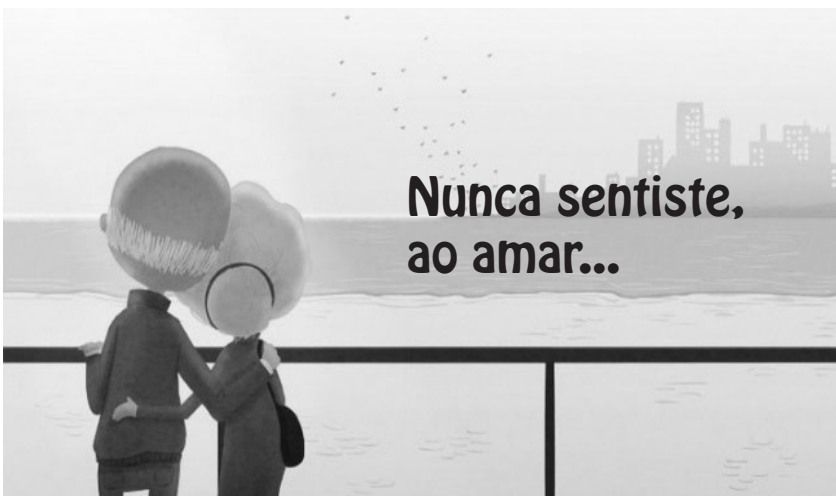
*Lucilene Lera Alciati – MFCTatuí
– SP. Psicóloga, Especialista
em Terapia de Casal e
Família, atua no Seminário
Arquidiocesano de Sorocaba,
em consultório particular e no
Colégio Objetivo de Tatuí.
@psi.lucilenealciati*

♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦ *Frase para reflexão:* ♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦

***“Se caminharmos juntos, jovens e anciãos, poderemos
estar bem enraizados no presente e, a partir daqui, frequentar
o passado e o futuro: frequentar o passado para aprender
com a história e curar as feridas que, às vezes, nos condicionam;
frequentar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar
sonhos, suscitar profecias, fazer florescer esperanças.”***

Papa Francisco: Christus Vivit, 199, p. 113.





**Nunca sentiste,
ao amar...**

*Nunca sentiste, ao amar,
a impressão
de tratar-se
de uma amizade de sempre,
de um encontro de sempre,
de um amor sem começo
e sem fim?!...*

*Não se trata de impressão apenas:
o sentimento é válido
e tem raízes profundas
– nós nos amamos,
de todo e sempre,
pois nos encontramos,
de todo e sempre,
no pensamento eterno do Pai!*

*Fonte: CÂMARA, Hélder. Família: missão de
Amor. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 60.*



“... e o Verbo se fez Carne e habitou entre nós” (Jo 1,14)

É NATAL...

Convidamos a todos para, Unidos, celebrarmos esta noite de mistério, esta noite em que "a luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte" (Is 9,1).

Vamos juntar nossas mãos e, num só gesto, vamos erguer o candelabro para que todos vejam a Luz e proclamem o nosso Deus.... O nosso Deus de quem nunca teremos medo, pois Ele vem como uma criança ...como "Pastor apascentará o seu rebanho, entre os braços recolherá os cordeirinhos e os levará no colo; as que amamentam ele as guiará mansamente" (Is 40,11). Ele vem assegurar o estabelecimento de uma Paz sem fim.

Muitas e excelentes reflexões podemos fazer em relação à festa do Natal. Entretanto, a que abarca todas, aquela que nos deixa estupefatos e plenos de gratidão é, no meu ponto de vista, o fato do nosso Deus tomar a iniciativa e, gratuitamente, fazer-se Carne, fazer-se Homem

como nós, gente como um de nós e, assim, poder chamarmos de "irmãos" e "amigos". A corporeidade de Jesus, a sua Encarnação, lhe permite ter um corpo como instrumento relacional com o mundo.

Natal, então, é oportunidade para redescobrirmos a espiritualidade do corpo e de todos os seus membros para sermos presenças compassivas e amorosas em todos os dias do ano, no cotidiano de nossas vidas. Lembrando que esse Deus se fez criança em toda sua fragilidade, cresceu em uma família, caminhou entre o povo e ensinou, viveu e proclamou seu único mandamento: Amar o próximo como ele amou.

Sabemos que o Natal ativa emoções de ternura, de bons sentimentos, de reconciliação inesperada e de paz. Vemos coisas incríveis acontecerem: irmãos e irmãs se reconciliam, pessoas ajudam os pobres, visitam pessoas solitárias e crianças abandonadas, estendem a mão a parentes que estão em difi-

culdade... cada um de nós conhece esses exemplos que são verdadeiros milagres. O amor se mostra menos com palavras e mais com ações.

Mas, Natal também lembra ao mundo as guerras, a poluição, o aquecimento global, a destruição da natureza... as batalhas jurídicas, as discórdias políticas e sociais... a fila dos homens e mulheres que têm os olhos embaçados pelas lágrimas do sofrimento, a fila das crianças nuas e desajustadas para quem o pão farto nunca chegou. Lembra um mundo que migra e se movimenta de forma nunca antes vista, as condições desumanas dos campos de refugiados, sob frio rigoroso. A falta de vontade política de resolver a questão.

E o Natal nos pergunta: Que tipo de contribuição podemos fazer para o mundo em colapso? Será que existe um propósito de vida que vai além de compras, jantares e presentes?

Sim, acima de tudo, o Natal nos lembra que existe uma alternativa ao ódio, à corrupção, à violência, à miséria e à pobreza. A visão de um mundo melhor existe! E é esta visão que Deus nos convida a celebrar nesta festa de Natal, a festa da Paz. Deus nos convida a colocarmos as mãos na massa e fazermos nossa parte para a construção da Justiça, do Amor e da Paz. E nos conchama a vivermos a Esperança.

Contemplando a ternura do Deus Menino, seguindo o costume, sentimos desejo de presentear. Nesse tempo de pandemia, estamos privados de entregar beijos e abraços a todos, mas, podemos presentear escuta. Escutar nos permite tornar o outro próximo, ainda que distante, mesmo que invisível; escutar nos habilita ao diálogo, à relação. Só na escuta sustentamos histórias de amor, percorremos caminhos de tolerância e reconciliação. Podemos também deixar junto à porta de alguém, - e junto aos indigentes que nem porta têm - uma máscara, um pão, um bolo, um prato de alimento retirado do nosso jantar... ou o que nossa criatividade e generosidade mandarem.

E, para pedir a paz entre todos os humanos e paz para nossa mãe-terra, fazemos uma prece: "Senhor da Paz, ajuda-nos a transformar as armas do mundo em novos empregos; / as bombas dos poderosos em pesquisas para curar nossos filhos; / as intenções destruidoras, em forças construtoras de um novo tempo, / uma nova sociedade, / um novo ser. / Ó Menino Jesus, / ajuda-nos a forjar contigo / o milagre da Paz".

*Deonira L Viganó La Rosa,
Terapeuta de Casal e de
Família. Mestre em Psicologia.
MFC de Porto Alegre
deoniralucia@gmail.com*

Caminhos de Juventude...

Jovens,

Não desistam do melhor de sua juventude.

Não observem a vida a partir de uma varanda.

Não confundam a felicidade com um sofá, nem vivam toda a sua vida na frente de um visor, de uma tela.

Também não se convertam no triste espetáculo de um veículo abandonado. Não sejam carros estacionados, ou melhor, deixem brotar os sonhos e tomem decisões. Arrisquem, mesmo que se equivoquem.

Não sobrevivam com a alma anestesiada, nem olhem o mundo como se fossem turistas.

Façam barulho!

Eliminem os medos que os paralisam para que não se transformem em jovens mumificados.

Vivam!

Entreguem-se ao melhor da vida!

Abram a porta da gaiola e saiam para voar!

Por favor, não se aposentem antes do tempo.

Papa Francisco: ChristusVivit, 143, p. 82.



Amorização...



Em dias como os de hoje é tão difícil falar, porque, lamentavelmente, em nossa linguagem humana, as palavras mais profundas e mais belas correm o risco de esvaziar-se, e de perder a forma, o gosto e a cor...

Vamos tentar ouvir as palavras dando-lhes sentido pleno. Escutemos em toda a sua força e beleza a palavra AMOR!

Deus é Amor!

Para quem tiver sensibilidade de alma, tenho a confiança de dizer que a nossa passagem pela Terra, o nosso trabalho neste mundo se resumem em uma só palavra:

AMORIZAÇÃO !

[...]

Que AMOR seja palavra sempre mais profunda e bela, não só nos nossos lábios: em nossa vida!

E que nos gastemos, felizes, a serviço da AMORIZAÇÃO!

Estar a serviço da autêntica Amorização é trabalhar:

- Para que os seres huma-

nos, um dia, cheguem a esquecer o próprio nome de ódio.

- Para que haja sempre mais, e de verdade, e em profundidade, acordo, concórdia, encontro, sintonização, harmonia e paz.

- Pelo entendimento entre as criaturas.

- Pelo engrandecimento do próprio Amor.

Estar a serviço da Amorização é ajudar cada um e cada uma a descobrir o lado bom dos outros, as qualidades que ninguém deixa de ter, por mais defeitos que possua...

Tantas e tantas vezes se dá o nome de AMOR ao que é deturpação do AMOR... Se há manipulação, utilização de criaturas; se há egoísmo se infiltrando AMOR a dentro, o AMOR precisa ser salvo: é urgente um esforço de Amorização na Família.

Fonte: CÂMARA, Hélder. Família: missão de Amor. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 9; 62.



0 compromisso político do cristão

Em outubro de 2022 próximo os brasileiros escolherão o Presidente da República, os governadores, senadores, deputados federais e estaduais, o que repercutirá na vida de todos os cidadãos. De escolhas feitas com consciência e honestidade poderão resultar melhores condições de vida; de escolhas equivocadas e interesseiras resultarão dirigentes incompetentes e/ou inescrupulosos com a permanência e/ou aumento dos problemas com evidente prejuízo de todos; isso depende da consciência esclarecida e honesta dos eleitores. Escolhemos aqueles que nos governam. Somos responsáveis pelos destinos do país.

ALIENAÇÃO POLÍTICA

Um dos depoimentos mais tristes que se pode ouvir é alguém dizer que não se inte-

ressa pela política, que não perde tempo, ou que vai votar em branco. É verdade que alguns homens públicos deixam em nós uma sensação de desânimo não só porque não trabalham pelo bem da comunidade, mas porque, aproveitando-se do cargo e do poder que são investidos fazem falcatruas, desviam dinheiro do povo, favorecem parentes, e enriquecem de maneira rápida e duvidosa. Os últimos tempos têm demonstrado isso à exaustão. Entretanto, esta seria uma razão a mais para que as pessoas com sentido ético e cidadão participassem da vida pública, se inserissem nos partidos e se engajassem na militância. Afastamento das pessoas de bem das decisões que concernem ao bem da cidade só fortalece e aumenta as chances daqueles que vêm na atividade política

uma oportunidade para realizar seus projetos interesseiros e pessoais. Erramos não só quando praticamos o mal, mas também e de modo importante quando deixamos de fazer o bem.

OS PARTIDOS POLÍTICOS

Os partidos políticos certamente são necessários para representar os interesses dos diversos grupos dentro da sociedade. Talvez nem todos tenhamos vocação para a militância partidária, mas todos somos chamados ao engajamento político enquanto bandeira de luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Se não abraçamos a causa estamos sendo omissos como cidadãos. Ninguém pode pensar em ser cristão se negar os compromissos da cidadania.

Os partidos políticos têm suas doutrinas e princípios e projeto de sociedade. Seria bom e necessário que nós os conhecêssemos para escolher aquele que mais está de acordo com nossos valores e projeto de sociedade de acordo com os princípios cristãos. Não se vota apenas em uma pessoa, ela representa um partido com sua ideologia. E há partidos mais identificados com a doutrina social cristã, e outros mais distantes e indiferentes às terríveis desigualdades sociais que grassam entre o povo brasileiro – haja

vista que a fome que estava praticamente erradicada no país, voltou a assolar milhões de lares em nossa pátria (em abril de 2021 o IBGE publicou que 19 milhões de pessoas passavam fome no Brasil), certamente devido às políticas equivocadas e erráticas do atual governo; porque alimento não falta nos campos, o Brasil é um celeiro do mundo, exporta milhões de toneladas de alimentos através do agro-negócio, mas para milhões de filhos desta terra não há o que comer em suas mesas. Que política é essa que vende alimentos, mas não alimenta milhões de filhos deste país? Se ficamos indiferentes, quão distantes estamos do cristianismo! Jesus não disse que seus seguidores deveriam limitar sua religiosidade à prática dos rituais, mas ordenou que transformassem o mundo. E seremos julgados pela transformação do mundo que realizamos: “Vinde benditos, eu tive fome e vós me destes de comer” (Mateus 25, 35). É preciso transformar famintos em saciados, e no mundo, em 2020, havia 811 milhões de pessoas passando fome, segundo a ONU.

O COMPROMISSO POLÍTICO

É impressionante observar que mais de 90% da população brasileira se diga cristã e que tenhamos 11 milhões de analfabetos (IBGE

em 13/11/2020), milhares de agricultores sem terra, milhões de brasileiros sem casa e alguns milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza. Que cristianismo é esse? Qual a consciência cristã e cidadã dos brasileiros que elegem representantes que perpetuam o status quo emanam o Brasil no grupo de países com uma das piores distribuições de renda do mundo?

O Brasil é nominalmente cristão, mas a sociedade construída ao longo dos séculos apresenta aspectos profundamente anticristãos, alicerçada na dominação, na escravidão e exploração dos mais fracos e indefesos. São João, na sua primeira carta, no capítulo 4, diz que é impossível amar a Deus a quem não vemos se não amamos o próximo a quem vemos. E acrescenta: "Aquele que diz

que ama a Deus que não vê, e não ama o próximo a quem vê, é mentiroso" (1Jo 4,19-20).

Pessoas analfabetas, crianças subnutridas, doentes sem hospital, famílias sem moradia, salários minguados, enriquecimento dos ricos e empobrecimento dos pobres nada têm a ver com minha responsabilidade cidadã e cristã? Já despertei para minha responsabilidade social? O que tenho feito por uma sociedade mais justa, por uma mais justa distribuição dos bens? Há uma interdependência entre o amor a Deus e o amor ao próximo, impossível amar a um sem amar ao outro.

Jorge La Rosa é Professor universitário (UFRGS), Doutor em Psicologia Social, Terapeuta de Casal e Família. E-mail: larosa1134@gmail.com

♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦ *Frase para reflexão:* ♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦





Não a uma economia da exclusão

Assim como o mandamento “não matar” põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”. Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos da Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser huma-

no é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que, aliás, chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”.

Neste contexto, alguns defendem ainda as teorias da “recaída favorável” que pressupõem que todo o crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo. Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos,

exprime uma confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante. Entretanto, os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdemos se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma.

Uma das causas desta situação está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer de que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criamos novos ídolos. A

adoração do antigo bezerro de outro (cf. Ex32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo* do dinheiro e na ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e, sobretudo, a grave carência de uma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo.

[...] Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. Mas, enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigar a violência. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há de provocar a explosão. Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade. Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sis-

tema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz. Assim como o bem tende a difundir-se, assim também o mal consentido, que é a injustiça, tende a expandir a sua força nociva e a minar, silenciosamente, as bases de qualquer sistema político e social, por mais sólido que pareça. Se cada ação tem consequências, um mal embrenhado nas estruturas de uma sociedade sempre contém um potencial de dissolução e de morte. É o mal

cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor.

***Fetichismo** – culto a um fetiche, isto é, a um objeto idolatrado, uma coisa que se torna considerada como valor absoluto, e que nega a dimensão humana.

Fonte: FRANCISCO, Papa. A Alegria do Evangelho – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, n. 53 – 59, p. 47 – 53.

A UNIÃO COM O SUBLIME...

Certa vez, em conversa com seus amigos, o Buddha afirmou como acontece a união do humano com o sagrado:

“Se um ser humano nutre sua mente com pensamentos de amor; se ele enche o mundo de pensamentos de um amor crescente, incessante e sem medida; se, como a trombeta que se faz ouvir facilmente em todas as direções, não deixa esquecido ente algum, no mundo, que tenha forma e vida, e a todos envolve em sentimentos de amor, de piedade, de simpatia e de serenidade crescente, incessante e sem medida, então, na verdade, esse ser humano conhecerá o caminho que leva à união com o Sublime.”

Fonte>As Palavras do Buddha, Coleção Sabedoria e Pensamentos. Ediouro, 1970.





Percorrer estradas, caminhar... em algum momento será preciso contornar, pois encontraremos curvas no percurso... para isso, precisaremos de flexibilidade...

Ninguém vive sob o domínio de uma trajetória imutável. As mudanças acontecem, promovendo variações no sentido da viagem.

Ser flexível é perceber a diferença entre o meu desejo e as circunstâncias da vida. Nem sempre nossos desejos serão satisfeitos. É sinal de sabedoria compreender a necessidade de, assim como o bambu, nos curvamos diante da tempestade, e depois, quando ela passar, voltar à posição de origem...

Não há nenhum problema em reconhecer que existem inúmeros acontecimentos que nos fogem do controle ou que são o oposto daquilo que desejávamos que ocorresse. E isso também não é razão para nossa infelicidade...

Ao contrário, podemos aproveitar os fatos que trazem consigo, inicialmente, a impressão de que o "destino" não colaborou conosco ou que não merecíamos passar por isso, e ver em cada situação adversa a medida necessária para escrevermos outra história sobre algo que surja como fora de nosso controle...

Ser flexível é uma estratégia, não uma intimidação. É compreender o jogo da vida como uma construção diária, onde preparação ou treinamento não constituem uma camisa de força para nos manter presos à obsessão do resultado desejado. Precisamos nos preparar não para vencer, mas para caminhar e participar com o nosso melhor na dinâmica do estar vivo e interagir com os seres viventes nesse compasso de altos e baixos...

Saibamos compreender que não é preciso cobrar de nós satisfação absoluta de

nossos desejos. A vida não é uma demonstração de que tudo será como foi gerado por nossas expectativas. Por isso, um fracasso pode nos ensinar tanto. Ele é parte constitutiva do processo de tentativas que somos capazes de gerar... e pode, nesse sentido, apontar caminhos diferentes para seguir a estrada...

Ser flexível não é, entretanto, adotar uma postura passiva, deixando que a vida ou o destino nos levem pela travessia do rio, como barquinhos de papel. Mas admitir que, se preciso for, aprenderemos a contornar as montanhas, pois sabemos que o oceano nos espera...

Ser flexível é também perceber que o tempo nos reserva uma medida, não um limite. E dentro dessa percepção, ousar caminhar com a serenidade de quem sabe das dificuldades da travessia, mas que olha sempre para o horizonte sabendo que há muito mais para ser visto do que no momento conseguimos captar...

Rigidez, tensão, acúmulo de preocupação, cobranças não nos levarão a desfrutar a travessia de maneira suave. Portanto, flexibilidade é sintonia com o fluxo da vida. E quando sintonizamos nosso ser com a fluidez da passagem vital, nos embelezamos por dentro... Não haverá mais espaços para cobranças demasiadas, ou pressões internas para que o desejo seja satisfeito do modo exato como projetamos...

Sejamos flexíveis para continuar caminhando... direcionando nosso olhar para a beleza de sentir-se encantado por participar de um momento que não precisa ser acabado, completo, para ser pleno... mas que seja desfrutado da melhor maneira que pudermos...

Gratidão,

Namastê!

*Jorge Leão, Membro
do Movimento Familiar
Cristão, em São Luís, MA.
Professor de Filosofia*



***“Alegria é flor que cresce
na haste do amor.”***

Cardeal Saliege



Onde quer que você esteja, seja a alma deste lugar...

Discutir não alimenta. Reclamar não resolve. Revolta não auxilia. Desespero não ilumina. Tristeza não leva a nada. Lágrima não substitui suor. Irritação intoxica. Deserção agrava. Calúnia responde sempre com o pior.

Para todos os males, só existe um medicamento de eficiência comprovada. Continuar na paz, compreendendo, ajudando, aguardando o concurso sábio do Tempo, na certeza de que o que não for bom para os outros não será bom para nós...

Pessoas feridas ferem pessoas. Pessoas curadas curam pessoas. Pessoas amadas amam pessoas. Pessoas transformadas transformam pessoas. Pessoas chatas chateiam pessoas. Pessoas amarguradas amarguram pessoas. Pessoas santificadas santificam pessoas.

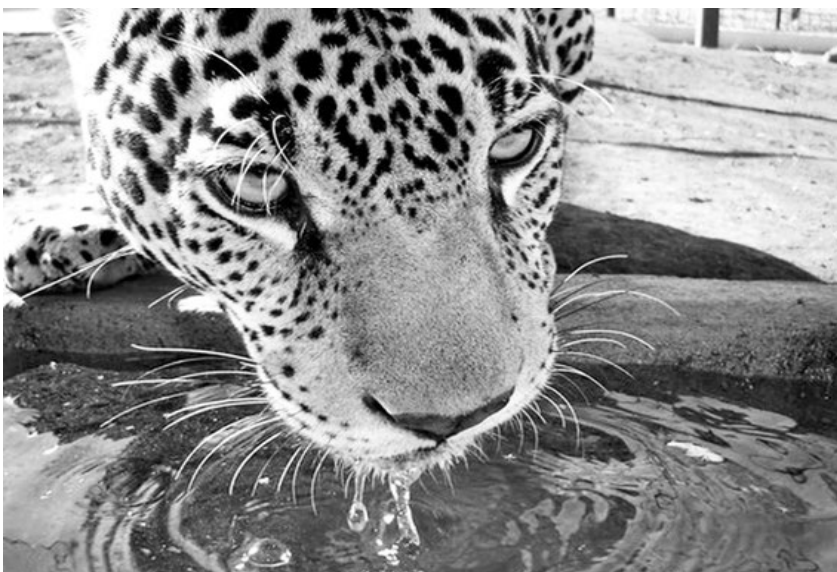
Quem eu sou interfere diretamente naqueles que estão ao meu redor.

"Acorde"... cubra-se de gratidão, encha-se de amor e recomece...

O que for bênção para sua vida, Deus te entregará, e o que não for, Ele te livrará!

Um dia bonito nem sempre é um dia de sol... mas, com certeza, é um dia de Paz"

Chico Xavier
(1910 – 2002)



“BEBER ÁGUA É DIREITO DE TODOS”

Uma vez eu li que é comum animais de várias espécies compartilharem a mesma fonte de água como bebedouro em certos habitats. Assim, devido a onça ser considerada um grande predador de outros animais, dificilmente as demais espécies querem beber água juntamente desse belo animal.

A fonte se desocupa do restante dos bichos da floresta quando ela se aproxima. O povo muito simples passou a observar isso e em seguida passou a usar essa expressão: “Agora a é hora da onça beber água”.

Portanto, a expressão significa evitar uma situação de perigo, ou alerta: “este é um momento de perigo”. No

entanto, ao longo do tempo algumas pessoas também passaram a utilizar essa expressão com o significado de um momento de “revanche” ou de “vingança”. A “hora do vamos ver” e isso porque, do ponto de vista do “predador”, significaria “agora chegou a MINHA hora.

Saiam daqui porque agora será minha vez porque sou forte”. São expressões populares que significam: Uma situação ou momento difícil, tenso, que exige uma solução imediata. Ou seja, “Quero ver como fulano se comporta na hora da onça beber água”. Ou seja, o sentido foi mudando e sua força de expressão se tornou ameaçadora.

Escrevo sobre essa expressão popular porque me chama atenção que ela apareceu ultimamente em muitas mídias das redes sociais. Em especial se referindo as comemorações do nosso lindo e histórico 7 de setembro. Embora sabendo que a história oral de nosso povo simples que, conta suas observações através de expressões diversas e vai criando culturas, muito provavelmente outras pessoas se apropriaram desses saberes e os utilizam para dominar ao invés de questionar a situação com possibilidade de libertação.

Seria ingenuamente? Propositamente?

Quem vive no contexto da sociedade brasileira hoje sabe que praticamente ainda não conseguimos a nossa real independência. Afinal, enquanto tivermos um povo faminto, sem saúde adequada, moradia digna, trabalho e educação para todos ainda não poderemos considerar que somos um povo independente. No entanto, essa data historicamente comemorada não pode deixar de ser lembrada e, ao mesmo tempo, nos convida a lembrar a “zona cinzenta de subdesenvolvimento” como nos disse Dom Helder Câmara. Deus nos convoca a todo momento a bebermos água junto das onças, mas não num sentido de “revanche” nem tão pouco de

mostrar “poder” ou mesmo intimidações. Afinal, todos tem direito de beber água. Somos totalmente contrários ao Evangelho de Jesus Cristo se compartilharmos um sentido de medo e de confrontos de poder nesse momento. Seremos tão egoístas ou mesmo tão igual aos opressores se não refletirmos o que significa propagar a expressão “Agora a onça vai beber água” em situações de dualidades. Deus não quer confrontos, Deus não quer supremacia de poder, Deus não aceita revanchismos. Deus é amor e quer amor entre os diferentes e diversos.

A sabedoria dos animais expressada em se retirar para a onça bebe água pode estar implícito, o respeito as diferenças, a decisão de que não devemos compactuar com a onça ao demonstrar que é mais forte, mas de ser fiel ao projeto de Deus de que todos devem saciar sua sede e, assim, ser solidário à sede do outro. Essa imagem do “Agora a onça vai beber água” também pode expressar que ser predador não nos tornamos unidos em sua ação predadora que ela invoca. Todavia, Deus fez a água também para todos independentemente da ação de cada um. Ou seja, a mensagem de Deus é clara e diferente de se juntar todos os animais para brigar e não deixar a onça beber água. Ou

ainda de espantar todos os animais para um só beber a água. Cada um a seu tempo possui o direito de vida através da água. E o clamor de todos dessa floresta chamada Brasil é de um Deus da Justiça que exige de cada um de nós, em especial dos cristãos, que façamos um grande esforço, no aqui e agora das redes sociais, para distribuímos mensagens de valores sinceros para que a justiça de todos poderem beber água seja uma realidade. Observemos em nossas cidades as injustiças de quem não consegue “beber a água da vida digna” cotidianamente. Continuemos a eliminar as guerras e não a prepará-las. Afinal, Jesus Cristo esteve ao lado do humilhado, do pobre, do oprimido, do injustiçado e Ele jamais praticou ou provocou revan-

chismos com os opressores da época. Ao contrário, Ele deu a outra face, deixou-se prender, foi até a morte para que todos tivessem vida.

Vamos ajudar a onça a entender que **BEBER ÁGUA É DIREITO DE TODOS.**

Aqui cabem três perguntas básicas para todas as pessoas de boa vontade:

- Estamos praticando a libertação ou opressão nas redes sociais?
- Estamos disseminando amor ou ódio nas redes sociais?
- Nas diferentes mídias sociais estamos praticando a independência ou a dependência?

*Solange Castellano Fernandes
Monteiro – Movimento Familiar
Cristão, Rio de Janeiro.*

◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊ *Frase para reflexão:* ◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊

“Os acompanhadores não deveriam levar os jovens a ser seguidores passivos, mas sim a andar ao seu lado, deixando-os ser protagonistas do próprio caminho. Devem respeitar a liberdade que o jovem tem em seu processo de discernimento e oferecer-lhe ferramentas para fazerem o melhor.”

Papa Francisco: Christus Vivit, 246, p. 140.





Prece à Irmã Mãe Terra

Irmã Mãe Terra, quero dormir em tuas entranhas. Mas, antes de adormecer, escuta as batidas agradecidas de meu coração. Obrigado por teus límpidos regatos: eles nascem nas altas vertentes; suas águas são frescas porque correm pelas quebradas profundas e saciam a sede dos caminhantes.

Obrigado, irmã Terra, pelas covas e pelas cavernas. Nelas, resplandece de maneira especial, o rosto de Deus; nelas, os peregrinos passam a noite; nelas, os mendigos esquentam-se com as fogueiras de inverno: são as casas dos pobres.

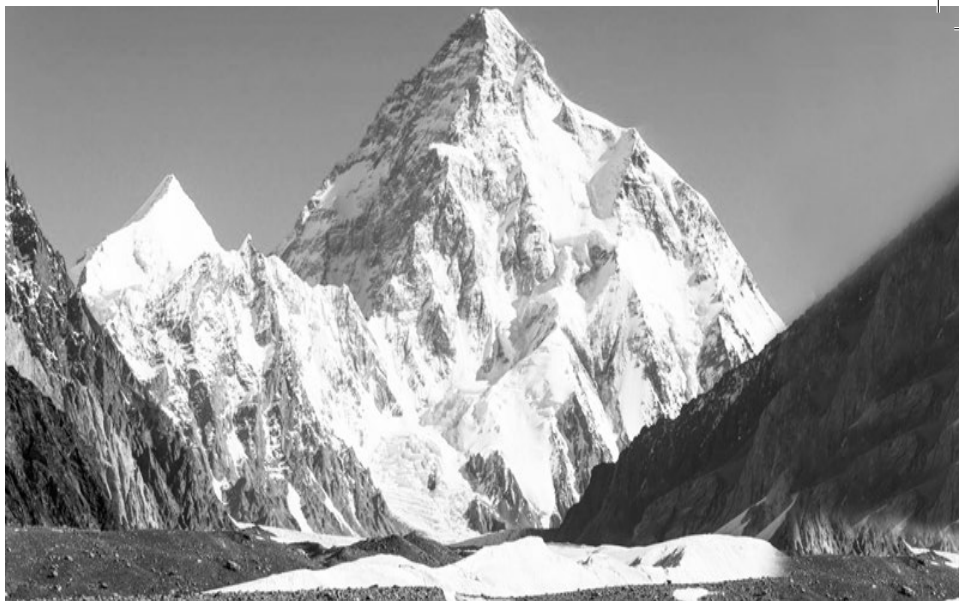
Obrigado, irmã Terra, por tuas pederneiras duras que nos dão o fogo; o qual ilumina a noite, preserva-nos do frio, alegra a vista, cauteriza as feridas e purifica a terra.

Obrigado, irmã Terra, por teus ventos e brisas. Eles nos refrescam, no verão, esparramam, em suas asas, as sementes de vida e movem as pás dos moinhos.

Obrigado, irmã Terra, pelas hortaliças, os trigais, os pomares, as fontes de água fresca, pelas árvores onde os pássaros fazem os ninhos.

Obrigado, irmã Terra, pelo berço que nos emprestas para dormirmos o sono eterno.

Atribuída a São Francisco de Assis, extraída do livro "O Irmão de Assis", de Inácio Larranaga, p. 391.



Ao chegar no cume da montanha...

Você trabalha durante anos para subir a montanha. Quase no cume, você vê a mão de Deus se estendendo. Ansioso, você corre na Sua direção, e exatamente quando seus dedos estão para tocar nos Dele, Deus diz:

- Você não esqueceu alguma coisa? ...

É um choque, porque você percebe naquele momento que chegou ao cume deixando para trás todas as partes de si mesmo que odeia e das quais tem vergonha.

Você não planejou levar os seus segredos para encontrar Deus, mas é assim que funciona.

É preciso descer novamente e encontrar os órfãos e crianças abandonadas chorando no

escuro. Não é apenas o seu melhor eu que encontra Deus. Tudo em você o faz.

QUESTÕES PARA DEBATE:

1 – Que partes de mim mesmo tenho dificuldades para a realização da experiência de revelar-me em totalidade diante da chegada ao “cume da montanha” ?

2 – Quais seriam as razões de ocultar minhas fraquezas, limitações e dúvidas ?

3 – Que lições posso extrair como ser humano a partir da leitura do texto?

Fonte: CHOPRA, Deepak. O Terceiro Jesus – o Cristo que não podemos ignorar. Tradução Claudia Gerpe Duarte e Constantino K. Korovaeff. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 209.

Tempo de aprender



Quando cheguei pela primeira vez à cidade fiquei com muito medo de algumas coisas. Estranhei os prédios – caixas de fósforos empinhocadas umas sobre as outras. Achava estranho o elevador – uma caixa dentro de outra caixa que levava as pessoas para cima e para baixo. O que me causava maior espanto, porém, era o chuveiro. Achava engraçado alguém conseguir aprisionar a chuva e levá-la para cima por meio de canos. Para mim, era como se alguém tivesse descoberto o grande segredo da chuva e agora o disponibilizasse para todo o mundo. E, em alguns lugares, a chuva poderia ser quente ou fria!

Todo esse “estranhamento” foi diminuindo à medida que ia conhecendo melhor a cidade e sua forma de ser. Aos pou-

cos, fui aprendendo a olhar para ela com maior admiração e coragem. Isso acontecia conforme ia lendo livros e convivendo com as crianças de minha idade enquanto frequentava a escola.

Um dia, meus pais chegaram comigo e me disseram que eu precisava escolher: ficar na aldeia ou ir para a cidade continuar meus estudos.

Isso tinha algumas implicações:

1. Deixar para trás a vida livre que sempre vivi;
2. Contentar-me com o fato de ficar solteiro;
3. Deixar a jovem que seria minha esposa;
4. Deixar amigos;
5. Enfrentar o novo, o diferente, conhecer gente nova.

Por outro lado, teria a oportunidade de cumprir a promessa que havia feito para meu avô por ocasião de sua morte. Eu havia prometido a ele que não deixaria nunca de aceitar minha condição como pessoa e que procuraria levar a verdade que ele havia me ensinado para todo mundo.

Sei que ainda não falei isso, mas meu avô era um homem muito sábio. Desses sábios que de tanto saber coisas todo mundo ia lá para perguntar e querer tirar algum tipo de informação. Ele ouvia as pessoas sempre com muita paciência e a todos dava conselhos e remédios sem nunca pedir nada em troca.

Meu avô conhecia tanta coisa que eu ficava me perguntando de onde ele tirava tanta informação. Um dia eu cheguei até ele e perguntei mesmo: "De onde o senhor tira tanto saber, meu avô?" Ele levantou os olhos para mim e disse simplesmente: "Eu sonho, meu neto. Sonho com os espíritos de nossa gente eles vão me dizendo o que devo fazer para curar as pessoas".

Isso me deixou intrigado, pois não sabia que também se aprendia por meio do sonho. Aí fui perguntar para o meu pai. Ele me disse:

- O sonho, meu filho, é como um mensageiro dos espíritos de nossos antecipados.

Por meio dele nos ensinam, nos dão conselhos, nos protegem e nos comunicam os acontecimentos. Nós dormimos pra sonhar, filho. Nunca esqueça isso.

Nunca esqueci. Até porque foi meu avô que depois me fez entender ainda melhor o que meu pai tentou me dizer. Fez de maneira bem simples, como quem planta mandioca na terra fofa. Um dia ele me contou a seguinte história:

- Havia um homem que gostava de morar sozinho. Tinha apenas a companhia de alguns animais a quem chamava sempre de "meus filhos". Vivia numa casinha bem simples. Tinha apenas uma mesa que ele próprio construiu, seu fogão de lenha e umas panelas de barro que estavam sempre na beirada do fogão. Nada mais tinha. Ali ele passava os dias. De manhã, logo ao acordar, saía no terreiro, erguia os braços para o alto e cantava uma antiga melodia. Logo "meus filhos" se juntavam a ele e o acompanhavam naquele estranho ritual. Sua alegria era tão grande e intensa que as pessoas que por lá passavam diziam que era apenas um louco.

Meu avô deu uma parada na voz – ele sempre fazia assim para respirar. Depois, olhando para os lados como a procurar algo, fixou seus

olhos nos meus e continuou numa narrativa:

- Aquele homem sabia viver com tanta simplicidade que passou a chamar a atenção de outras pessoas que queriam porque queriam saber de onde vinha tamanha alegria. Assim, uma porção de gente chegava bem cedo para observar o ritual do velho homem na vã tentativa de descobrir seu segredo. No começo o homem não se incomodou porque era muito generoso e não sabia negar nada que lhe pediam. As pessoas foram aumentando em número e curiosidade e disso o velho não gostou muito.

Uma noite, enquanto o homem dormia dentro de sua casa, chegaram algumas pessoas que não entendiam porque o velho só falava durante o dia e se negava a recebê-los à noite. Uma dessas pessoas começou incitar os outros a gritar pelo velho homem.

- Venha para fora, bondoso homem. Nós queremos ouvir suas palavras de sabedoria – dizia um.

- Precisamos ouvi-lo agora, pois viajamos o dia inteiro e estamos cansados e com fome e ainda precisamos seguir nosso caminho – gritava outro.

- O senhor não pode ficar descansando enquanto esta-

mos aqui fora, no relento da noite.

O velho dormia tranquilamente apesar dos apelos que se multiplicavam lá fora. Os gritos, no entanto, foram ficando mais fortes até que o homem, não conseguindo manter seus olhos fechados, levantou-se, abriu a porta de sua surrada casa e caminhou até o meio do terreiro, conduzindo nas mãos um pequeno candeeiro. Ali chegando acorou-se e com o seu cajado fez um círculo colocando-se no centro.

Os visitantes ficaram curiosos em saber o que ele estava fazendo e de longe lhe perguntavam. Ele, porém, manteve-se em silêncio o tempo todo em que acolheu “meus filhos” no centro do círculo. Depois disso ergueu-se e, apoiando-se em seu cajado, elevou as mãos para o céu e disse a todos:

- Quem não consegue deixar que outra pessoa durma seu sono para sonhar seu sonho, não pode estar preparado para ouvir palavras que vêm de longe. Adeus.

Dito isso – assim mesmo, dessa maneira – o velho acorou-se e imediatamente veio uma nuvem de fumaça que o encobriu, e ele e “meus filhos” desapareceram como num passo de magia.

Fiquei calado, mudo, pasmo depois de ouvir aquela história que meu avô jurava ser verdadeira. Minha cabeça infantil tentava compreender o que se havia passado de verdade, mas, confesso, não consegui captar direito o ocorrido.

Meu avô pressentiu minha dúvida e fez apenas um comentário que foi o suficiente para mim. Ele disse:

- O sonho é a arma de quem vive desperto, acordado. Não dormimos para descansar o corpo, dormimos para falar com os espíritos que habitam o mundo de lá!

Assim era meu avô, sabido, cheio de diploma na coisas da floresta. Foi por causa das coisas simples que ele me ensinou que um dia lhe fiz a promessa de continuar levando aonde quer que fosse a sabidez dele. Fiz essa promessa no dia em que ele morreu. Sobre seu corpo me debrucei chorando – um-menino-quase-homem – e balbuciei minha promessa: seria professor. Melhor, seria con-

fessor de meus sonhos. Seria do jeitinho que ele tinha sido para mim. Queria poder contar para os jovens os sonhos que tinha para mim mesmo. Meu desejo era que eles contassem também os deles e, assim, construíssemos uma forma diferente de nos relacionar uns com os outros.

Antes disso, no entanto, precisava aprender as coisas da cidade para que pudesse compreender o pensamento “quadrado” do povo das caixas. Foi assim que deixei minha aldeia para aventurar-me num mundo que me causava estranhamente e uma certa angústia. Nessa época tinha apenas quinze anos de idade. Tinha acabado de passar pelo ritual da maioridade e já estava com idade de casar e aí veio minha segunda crise.

Fonte: MUNDURUKU, Daniel. Tempo de Histórias. Antologia de contos indígenas de ensinamento. Organização e apresentação de Heloisa Pietro. 2ª. ed. São Paulo: Salamandra, 2006, p. 33- 39.

“O fator que determina uma vida não é a inteligência, mas o caráter.”

Elisabeth Huguenin





Relato do CONDIN em São Luís...

Enfim, após quase dois anos de espera, atraso devido à pandemia no mundo todo, realizou-se o CONDIN, entre os dias 22 a 24 de outubro de 2021, programado para acontecer no Regional Norte, em São Luís, Maranhão.

Nada como rever pessoas amigas e especiais de todo nosso Brasil. Nada como fazer reflorescer a alegria de estar juntos, reavivar a confiança, a esperança e a amizade. Sorrindo e cantando, nesse convívio salutar, alegre e descontraído, bem próprio de nosso MFC, e tudo concorrendo para dar leveza aos esforços próprios da logística, necessária

para nossos já bem conhecidos encontros.

Se algo faltou, despercebido ficou. O valor da acolhida, forte pilar do MFC, revigorou nossos ânimos e nos fortaleceu para o XXI ENA, em Rio Grande – RS.

Não menos intenso foi o trabalho da equipe de Conteúdo e Metodologia, caprichosamente elaborado e apresentado em plenária. Em todos e em cada um, seu olhar carinhoso voltado para nossa paixão: o ENA 2022, onde tudo de bom acontece a balança nossos corações.

Nem de longe esquecer os riquíssimos momentos de Es-

piritualidade na capela e na praia, inesquecíveis prêmios, doados pelo Pe. Natan e pela Irmã Alzenir. Muito bom conhecê-los e reconhecer neles o carisma MFCista.

Gratidão aos Coordenadores Regionais e aos Estaduais, por socializar as ações trabalhadas em suas bases, notadamente comprometidas com a Família.

Gratidão aos Coordenadores Nacionais pelo trabalho exemplar, pautado no FA-

ZER, ACOMPANHAR, PERMANECER JUNTO E COMPARTILHAR SEMPRE...

Finalmente, gratidão por confiar na ECE – Maranhão e oportunizar momento tão rico, intenso e fortalecedor da nossa espiritualidade. Vocês moram em nosso coração!

E... vamos pro ENA em Rio Grande!!!!

Até lá !!!! Gratidão !

Equipe Estadual do Maranhão

Em 1621, quando o Brasil foi dividido em duas unidades administrativas — Estado do Maranhão e Estado do Brasil — São Luís foi a capital da primeira unidade administrativa.

Belas praias, clima aprazível e importante parque tecnológico, possui lindos pontos turísticos que valem à pena conhecer.



Nosso sangue não pode ser ácido

Quando falamos em saúde física – prevenção, manutenção e revitalização –, equilíbrio emocional e inteligência plural, única proposta verdadeira para desfrutarmos ao máximo a nossa condição humana, é necessário que tenhamos consciência de que, verdadeiramente, tudo isso depende essencialmente da qualidade de vida de nossas células que, por sua vez, depende do equilíbrio ácido-base dos líquidos que se encontram dentro e fora delas.

No mundo da química, quando dissolvidas em meio aquoso, classificam-se como ácidas ou alcalinas.

Substâncias ou meios ácidos são aqueles com excesso de carga positiva, e alcalinos são aqueles com excesso de carga negativa. Para simplificar, a química usa uma unidade de medida desta acidez ou alcalinidade que chamamos de pH.

Assim, existe uma escala de pHs que varia de zero a 14, onde:

pH = zero – indica o máximo de acidez ou carga positiva;

pH = 7,00 – indica neutralidade;

pH = 14 – significa o máximo de alcalinidade ou carga negativa.



Nossos líquidos corporais – linfa, sangue e líquido cefalorraquidiano – representam cerca de 65% da massa total de um corpo adulto, e o sangue, pelas suas funções de grande transportador, mediador, solvente, provedor e agente de ligação entre os órgãos e tecidos, é o mais importante. A faixa ideal de pH do sangue humano está entre 7,36 a 7,42; portanto, levemente alcalino.

Variações bruscas desde pH sanguíneo irão comprometer não só o estado de consciência do Ser, como também poderá colocar em risco a própria vida. Se este pH baixa a um valor de 6,95 (levemente ácido), a pessoa poderá entrar num estado de coma, e, no outro extremo, um sangue humano com pH a partir de 7,7 irá desencadear um estado de irritação extrema, espasmos, propensão à tetania e convulsões.

Em síntese, a qualidade de vida de uma célula está diretamente relacionada ao pH do sangue que a irriga continuamente.

Reforçando: o sangue, líquido no qual a célula está mergulhada, tem de ser mantido constantemente com o pH ideal: entre 7,36 – 7,42.

Qualquer diminuição no pH do sangue, que é a situação mais comum em nossa

sociedade, irá refletir-se na desvitalização das células, ou seja, células com vida mais curta e, necessariamente, envelhecidas.

A causa mais natural desta situação metabólica é a ingestão frequente de alimentos que acidificam rapidamente o sangue: açúcar branco, farinha branca, carnes (principalmente a vermelha e a de suínos), frituras, alimentos “aditivados” pelo progresso industrial, alimentos instantâneos, congelados ou excessivamente cozidos, bebidas gasosas etc. Enfim, tudo aquilo que conhecemos como alimentos de natureza biocida (bio = vida + cida = mata), ou seja, alimentos que matam a vida.

Estes alimentos são os grandes protagonistas para acelerar o processo de envelhecimento, a baixa vitalidade e produtividade, os desequilíbrios emocionais e, finalmente, as doenças.

Pelo tempo que esse ciclo vicioso (maus hábitos alimentares) durar, o organismo irá manter-se sob padrões de degeneração orgânica contínua, e a chegada da doença será inevitável.

Eternamente jovem

Após conseguir manter, perfeitamente vivas, por vinte e oito anos, as células

cardíacas de um embrião de galinha, o fisiologista francês, prêmio Nobel e falecido em 1944, Dr. Alexis Carrel, nos proporcionou uma boa prova dessa possibilidade.

Como? Conservando estas células constantemente banhadas por um fluido ligeiramente alcalino.

Portanto, qualquer atitude mental ou hábitos alimentares que proporcionem a adequada alcalinização dos líquidos corporais, irá desencadear a possibilidade da “eterna juventude” celular.

Contrariamente, atitudes mentais e hábitos alimentares que gerem resíduos ácidos ou radicais livres devem ser reconhecidos e tratados como os verdadeiros vilões do envelhecimento.

Finalizando: há um consenso médico que admite que as doenças encontram em ambientes ácidos, condições mais propícias para prosperarem.

Que alimentos e atitudes alcalinizam o sangue?

Os mais potentes modificadores do pH dos nossos líquidos corporais, funcionando como instrumentos de manutenção da saúde celular, são os sais minerais, que alcalinizam ou acidificam, conforme a necessidade do organismo.

Os sais de cálcio, zinco, ferro, magnésio, sódio, potássio e manganês são predominantemente alcalinizantes e atuam como elementos energizantes e neutralizadores.

Já os sais que contêm fósforo, enxofre, cloro, iodo, bromo, flúor, cobre e sílica são agentes mais acidificantes.

Todos eles são necessários à saúde humana, mas precisam estar em equilíbrio para que o pH resultante seja, como vimos, levemente alcalino.

Semelhantes aos sais minerais, as emoções, os sentimentos, a agitação mental e física também têm potencial para alcalinizar ou acidificar partes do organismo em questão de frações de segundos.

Assim, o estresse tende a acidificar o sangue, e a acidez do sangue é um fator negativo, porque provoca mais estresse. Pronto! Instalou-se um círculo vicioso negativo: estresse gera mais estresse.

Um organismo acidificado tende a manifestar sentimentos, emoções e reações “ácidas”. A raiva, inveja, ansiedade, ciúme, excesso de julgamentos e críticas, exercícios físicos obsessivos, competições, calor em excesso, desidratação, etc. tam-

bém induzem à acidificação do organismo em questão de segundos.

Ao contrário, é comum ao organismo devidamente alcalinizado compartilhar frequências, sentimentos e emoções prazerosos. Afeituosidade, compaixão e compreensão são estados típicos de um corpo em harmonia metabólica, sereno e pacificador. Assim, o estado meditativo ou de oração, a vivência do amor, bom humor, do belo, da verdade e do prazer de estar vivo podem ser considerados “alimentos” de grande potencial alcalinizante. Estas emoções, por sua vez, alcalinizam o sangue. Pronto! Instalou-se um círculo vicioso positivo.

As frutas frescas, os legumes e as hortaliças (principalmente os orgânicos) quando ingeridos crus – por seu elevado teor de sais minerais, vitalidade, água e fibras – são exatamente os alimentos mais alcalinizantes à nossa disposição.

Entretanto, o limão é incomparável. Seu potencial de alcalinizar o sangue humano acontece imediatamente após sua ingestão. Interessante que ele apresenta um sabor ácido, mas não se engane, ele mal alcança o estômago e já está

afetando os líquidos corporais, combinando-se com os minerais alcalinizantes.

Pois é, esta frutinha tão barata, comum e discreta, tem o poder de mudar radicalmente nossa vida: no físico, emocional, mental e espiritual. Como? Alcalinizando nosso sangue.

O ácido cítrico do limão, transformado no organismo em citrato de sódio (sal alcalino), carbonatos e bicarbonatos alcalinos, causa imediata alcalinização do meio humoral, neutralizando ou amenizando estados indesejados de acidez.

E mais, estes sais alcalinos são considerados os melhores remédios contra o excesso da viscosidade sanguínea, oferecendo prevenção contra acidentes cardiovasculares.

Em paralelo, o limão, com todos os seus demais componentes, fortalece o sistema imunológico, retarda o envelhecimento precoce, bloqueia radicais livres, oferecendo assim proteção contra o câncer e demais doenças.

Que alimentos evitar?

De modo semelhante ao açúcar, são igualmente acidificantes todas as gorduras e óleos hidrogenados (cuidado com as margarinas ou qualquer outra gordura hi-

drogenada embutida em todos os alimentos industrializados), alimentos refinados, sintéticos e aditivados com modificadores químicos.

Todas as carnes são fortes agentes acidificantes do sangue, pois necessitam de ácido clorídrico para a sua difícil digestão no organismo humano. São também acidificantes todos os alimentos vegetais “velhos”, muito maduros, machucados, com pontos de apodrecimento ou que:

- não concluíram o ciclo de maturação no próprio pé;
- estejam contaminados com agrotóxicos;
- tenham suas estruturas modificadas pelo congelamento;
- tenham sido desnaturados, artificialmente “enriquecidos”, submetidos à irradiação, expostos a campos eletromagnéticos, etc. em graus diferenciados.

VOCABULÁRIO:

- tetania: distúrbio caracterizado por contrações musculares tônicas intermitentes (que cessam e recomeçam por intervalos descontínuos), acompanhadas de tremores, paralisias e dores musculares, devido a problemas gas-

trintestinais ou à deficiência de sais de cálcio.

radicais livres: são moléculas liberadas pelo metabolismo do corpo com elétrons altamente instáveis e reativos, que podem causar doenças degenerativas de envelhecimento e morte celular. Os radicais livres podem combinar com outras moléculas do corpo e, com isso, serem aniquilados rapidamente, caso a produção deles seja pequena.

sílica : o composto químico dióxido de silício, também conhecido como sílica, é o óxido de silício cuja fórmula química é SiO_2 . Em seu estado natural, pode ser encontrado em diversas formas diferentes. Possui dezessete formas cristalinas distintas, entre elas o quartzo, o topázio e a ametista.

- meio humoral: onde ocorre o processo de defesa do organismo.

- óleos hidrogenados: são aqueles que passam pelo processo de hidrogenização, isto é, quando se utiliza gás hidrogênio para transformar um óleo líquido vegetal em margarina.

Fonte: TRUCOM, Conceição. O Poder de Cura do Limão. São Paulo: Editora Alaúde, 2009, p. 39 – 45.



Mexendo no porão de sua casa, um homem encontra um cofre. Ele o abre e vê que no fundo há um espelho. Ele se olha e vê a imagem de seu pai.

Emociona-se muito e desde esse dia, cada vez que se sente triste, fecha-se no porão buscando consolo na imagem de seu pai. Sua esposa, desconfiada e com ciúme porque seu marido não compartilha o segredo do porão com ela, um dia em que está sozinha, vai ao porão, encontra o cofre e o abre.

Segura o espelho e se olha e vê a imagem de uma mulher que não reconhece. Quando o homem volta, ela o questiona e o acusa de estar enganando-a com outra.

O marido nega tudo de forma terminante e lhe diz que no espelho está a imagem de seu pai.

A discussão chega a tamanhas proporções e os gritos são tantos que um monge se aproxima para ver o que está acontecendo.

Eles lhe explicam e pedem que esclareça as coisas. O monge se dirige ao porão, abre o cofre, segura o espelho e se olha, e vê o rosto de um homem sereno, que parece um monge zen.

Extraído do livro: Encontrar a felicidade: inspirações orientais, de YoshiKalpa. Tradução de Adriana Toledo de Almeida. Cotia, SP: Vergara e Riba Editores, 2005, p. 28.



Há uma história de um velho e um menino que viveram na antiguidade. O velho se chamava Sartebus, e o menino, Kim, que era órfão, vivia sozinho, ia de um vilarejo a outro em busca de alimento e abrigo. Porém, mais importante que tudo, até mesmo que sua procura de comida para matar a fome e um lugar seco, confortável, para dormir, Kim procurava outra coisa – buscava uma razão. “Por quê?”, se perguntava, “viajamos pela vida em busca de algo que não podemos encontrar? Por que as coisas devem ser tão difíceis assim? Nós as fazemos desse modo, são assim apenas para lutarmos como lutamos?”

Esses pensamentos eram sábios para um menino como

Kim, mas foi exatamente esse tipo de pensamento que o fez encontrar um velho, ao longo do caminho, viajando pela mesma estrada que, pensou Kim, poderia ajudá-lo com uma ou duas respostas.

O velho carregava nas costas uma grande cesta de vime tampada, que parecia muito pesada, especialmente para alguém tão velho e cansado quanto ele. Quando pararam para descansar à margem de um riacho ao longo do caminho, o velho pousou cansadamente sua cesta no solo. Kim teve a impressão de que o velho carregava todos os seus bens materiais naquela cesta; parecia muito mais pesada do que, até um jovem mais forte, poderia carregar por uma grande distância.

- O que há em sua cesta que a faz tão pesada? – per-

guntou Kim a Sartebus. – Eu ficaria contente em carregá-la para você. Afinal, sou jovem e forte, e você está cansado.

- Não é nada que possa carregar para mim – respondeu o velho. – É uma coisa que devo, eu mesmo, carregar. – E ajuntou: - Um dia, você percorrerá o seu próprio caminho e carregará uma cesta tão pesada quanto a minha.

Kim e o velho percorreram muitos quilômetros juntos por vários dias e caminhos. Embora Kim fizesse perguntas ao velho Sartebus sobre por que motivo os humanos precisam labutar tanto, Sartebus não lhe deu nenhuma resposta, nem Kim descobriu tampouco, por mais que tentasse, que tesouro tão pesado se encontrava na cesta que o velho carregava.

Às vezes, tarde da noite, no fim de um longo dia de jornada, Kim jazia em silêncio, fingindo dormir, ouvindo o velho remexer no conteúdo da cesta sob a luz trêmula de uma pequena fogueira, e falando baixinho consigo mesmo. Mas de manhã, como sempre, ele não dizia coisa alguma.

Só quando Sartebus não pôde mais andar e se deitou para repousar pela última vez, contou seu segredo a Kim. Nas suas últimas poucas horas juntos, ele deu a Kim não só a resposta para o enigma

da cesta que carregava, como a resposta para o motivo dos humanos trabalharem tanto.

- Nesta cesta – disse Sartebus – estão todas as coisas em que acreditei sobre mim mesmo que não eram verdadeiras. São as pedras que pesaram durante a jornada. Carreguei nas costas o peso de cada seixo de dúvida, cada grão de areia de incerteza e cada fardo de orientação errada que colecionei ao longo do meu caminho. Sem eles eu poderia ter ido longe, poderia ter vivido a vida dos sonhos que vi em minha mente. Mas com eles acabei aqui, no fim da minha jornada. E sem querer soltar as cordas trançadas que prendiam a cesta a ele, o velho fechou os olhos e adormeceu em silêncio pela última vez.

Antes que o próprio Kim dormisse àquela noite, soltou cada corda que prendia a cesta ao velho, libertando-a, pôs-a com cuidado no solo. Ao fazer isso, desatou com cautela as tiras de couro que mantinham a tampa da cesta no lugar e ergueu-a. Talvez porque estivesse à procura de uma resposta para sua pergunta, não ficou surpreso, de modo algum, com o que encontrou dentro. A cesta que prostara tanto o velho Sartebus, por tanto tempo, estava vazia.

Todos nós reunimos pensamentos, crenças e ideias

sobre nós mesmos que nos abatem e nos atrasam, impedindo que aproveitemos tantas oportunidades que a vida guarda para nós.

Como descobrimos o que existe em nossa cesta? O que é o peso que nos oprime? Que limitações sobre nossos egos imaginamos ser verdadeiras quando isso pode não ocorrer, de modo algum?

Infelizmente, Sartrebus ignorava que ele poderia jogar fora suas pedras imaginadas. Em vez disso, ele foi levado a sentar-se, à noite, fazendo um inventário de suas limitações e desejando que as coisas pudessem ser melhores.

*Fonte: Programação
Neurolinguística,
ShadHelminstetter, Record.*

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

*“É possível construir um mundo melhor...
Com livros nas mãos das crianças e não armas...
Com arte e cultura para o povo...
Com trabalho digno e inclusão social...
Com respeito à diversidade religiosa e de gênero...
Com dignidade e respeito à Vida no planeta Terra...
Com amorosidade a todo ser vivente! “*

Ellen Phill Anderson





O diálogo é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar. Mas requer um longo e diligente aprendizado.

O modo de perguntar, a forma de responder, o tom usado, o momento escolhido e muitos outros fatores podem condicionar a comunicação. Além disso, é sempre necessário cultivar atitudes que são expressão de amor e tornam possível o diálogo autêntico.

Reservar tempo, tempo de qualidade, que permita escutar, com paciência e atenção, até que o outro tenha manifestado tudo o que precisava comunicar. Isto requer a ascese de não começar a falar antes do momento apropriado. Em vez de começar a dar opiniões ou conselhos, é preciso assegurar-se de ter escutado tudo o que o outro tem necessidade de dizer.

Isto implica fazer silêncio interior, para escutar sem ruídos no coração e na mente: despojar-se das pressas, colocar de lado as próprias necessidades e urgências, dar espaço. Muitas vezes um dos cônjuges não precisa de uma solução para os seus problemas, mas de ser ouvido. Tem de sentir que se apreendeu a sua mágoa, a sua desilusão, o seu medo, a sua ira, a sua esperança, o seu sonho. Todavia, é frequente ouvir essas queixas: Não me ouve, e quando parece que ouve, na realidade está pensando em outra coisa. Enquanto falo tenho a sensação de que está esperando que acabe logo. Quando falo com você, tenta mudar de assunto ou me dá respostas rápidas para encerrar a conversa.

Desenvolver o hábito de dar real importância ao outro. Trata-se de dar valor à sua pessoa, reconhecer que tem direito de existir, pensar de maneira

autônoma e ser feliz. É preciso nunca subestimar o que outro diz ou reivindica, ainda que seja necessário exprimir o meu ponto de vista. A tudo isto subjaz a convicção de que todos têm algo para dar, pois têm outra experiência da vida, olham de outro ponto de vista, desenvolveram outras preocupações e possuem outras capacidades e intuições. É possível reconhecer a verdade do outro, a importância das suas preocupações mais profundas e a motivação que fundamenta o que diz, inclusive as palavras agressivas. Para isso, é preciso colocar-se no lugar do outro e interpretar a profundidade do seu coração, individuar o que o apaixona, e tomar essa paixão como ponto de partida para aprofundar o diálogo.

É possível que, do meu pensamento e do pensamento do outro, possa surgir uma nova síntese que enriqueça a ambos. A unidade, que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma "unidade na diversidade" ou uma "diversidade reconciliada". Neste estilo enriquecedor de comunhão fraterna, seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantêm distintos matizes e acentos que enriquecem o bem comum.

É importante a capacidade de expressar o que se sente, sem ferir; utilizar uma lingua-

gem e um modo de falar que possam ser mais facilmente aceitos ou compreendidos pelos outros, embora o conteúdo seja exigente; expor as próprias críticas, mas sem descarregar a ira como uma forma de vingança, e evitar uma linguagem moralizante que procure apenas agredir, ironizar, culpabilizar, ferir. Há tantas discussões entre o casal que não são por questões muito graves; às vezes trata-se de pequenas coisas, pouco relevantes, mas o que altera os ânimos é o modo de dizê-las ou a atitude que se assume no diálogo.

Ter gestos de solicitude pelo outro e demonstrações de carinho. O amor supera as piores barreiras. Quando se pode amar alguém ou quando nos sentimos amados por essa pessoa, conseguimos entender melhor o que ela quer exprimir e fazer-nos compreender. É preciso superar a fragilidade que nos leva a temer o outro como se fosse um "concorrente". É muito importante fundar a própria segurança em opções profundas, convicções e valores, e não no desejo de ganhar uma discussão ou no fato de não nos darem razão.

Por último, reconheçamos que, para ser profícuo o diálogo, é preciso ter algo para se dizer, e isto requer uma riqueza interior que se alimenta com a leitura, a reflexão pes-

soal, a oração e a abertura à sociedade. Caso contrário, a conversa torna-se aborrecida e inconsistente. Quando cada um dos cônjuges não cultiva o próprio espírito e não há uma variedade de relações com outras pessoas, a vida familiar torna-se endogâmica e o diálogo fica empobrecido.

VOCABULÁRIO:

Diligente: zeloso, cuidadoso.

Ascese: autocontrole.

Subjaz: estar por baixo ou estar subjacente (que vem de baixo).

Matizes: diferentes tons pelos quais passa uma mesma cor; tonalidade.

Profícuo: que dá proveito, proveitoso, frutífero, rendoso.

Endogâmica: fechada ao próprio círculo familiar, isolada.

QUESTÕES PARA SOCIALIZAR EM GRUPO:

1 – Em que sentido a escuta atenta ao que o outro tem a nos dizer constitui fator essencial para a construção de um diálogo autêntico?

2 – Que pistas nos traz o texto sobre como podemos amadurecer o diálogo nas relações conjugais e familiares?

3 – Que importância existe para o cultivo da vida interior numa relação conjugal?

4 – Como podemos em comunidade exercitar a experiência de uma convivência dialogal?

Fonte: Papa Francisco, AmorisLaetitia – sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 113 – 116.

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos seres humanos e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar,”

Paulo Freire, trecho de “Pedagogia do Oprimido”.





Eia agora

Eia agora, vós que dizeis... amanhã...

(Tiago, 4: 13)

Agora é o momento decisivo para fazer o bem.

Amanhã, provavelmente...

O amigo terá desaparecido.

A dificuldade estará maior.

A moléstia terá ficado mais grave.

A ferida, possivelmente, mostrar-se-á mais crescida de extensão.

O problema talvez surja mais complicado.

A oportunidade de ajudar não se fará repetida.

A boa semente plantada agora é uma garantia da produção valiosa no porvir.

A palavra útil, pronunciada sem detença, será sempre uma luz no quadro em que vives.

Se deseja ser desculpado de alguma falta, aproxima-te agora daqueles a quem feriste e revela o teu propósito de reajustamento.

Se te propões auxiliar o companheiro, ajuda-o sem demora para que a bênção de teu concurso fraterno responda às necessidades de teu irmão, com a desejável eficiência.

Não durmas sobre a possibilidade de fazer o melhor.

Não te mantenhas na expectativa inoperante, quando podes contribuir em favor da alegria e da paz.

A dádiva tardia tem gosto de fel.

“Eia agora” – diz-nos o Evangelho, na palavra apostólica.

Adiar o bem que podemos realizar é desaproveitar o tempo e desviar-se dos caminhos do Senhor.

Fonte: Francisco Cândido Xavier / Emmanuel:

“Fonte Viva”, p. 255 – 256.



“As raízes não são âncoras que nos atam a outras épocas e nos impedem de encarnarmos no mundo atual para fazer algo novo. São, ao contrário, um ponto de apoio que nos permite desenvolver e responder aos novos desafios.”

Papa Francisco: *ChristusVivit*, 199, p. 113.

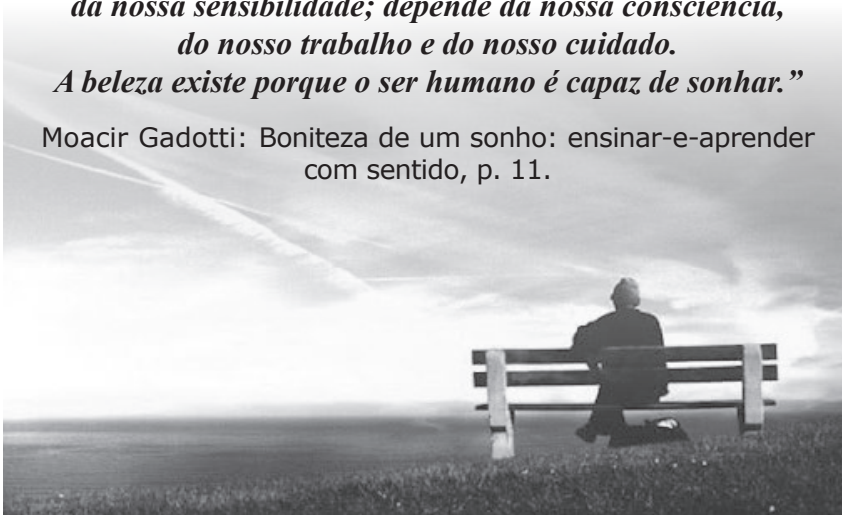
“Amigos, não esperem o amanhã para colaborar na transformação do mundo com sua energia, sua audácia e sua criatividade... e a melhor maneira de preparar um bom futuro é viver o presente com entrega e generosidade.”

Papa Francisco:
ChristusVivit, 178, p. 102.



“A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.”

Moacir Gadotti: *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*, p. 11.



O sentido mais profundo do Natal em nosso viver

O Natal sempre nos remete a lembranças da infância. Cada um, ao seu modo, pensa nos Natais vividos a longo de tantos anos. Seja em família e fora dela o Natal sempre acontece. Isso porque alguns possuem o privilégio de ter suas famílias nesse lindo momento. Mas, nem todos podem estar com suas famílias nas celebrações do Natal. No entanto, cada um e todos nós podemos viver o Amor de Deus gratuito e acolhedor todos os dias. Um amor divino em Jesus Cristo que nasce.

Na realidade nós nos atreveríamos a dizer que buscamos ou vivemos o Natal todos os dias em nosso cotidiano. Sim, buscamos e também partilhamos diariamente o afeto, a união, a esperança, a possibilidade de uma mesa farta, o perdão, o aconchego, a solidariedade, a fraternidade e tantos outros sentimentos nos espaços e tempos vividos em todos os lugares pelos quais passamos ou estamos.

Isto explica o óbvio trazido pela família de Nazaré. Uma família em um presépio idealizado por São Francisco que se faz Igreja Doméstica dos e para que os Pobres se tornem visíveis e importantes no mundo.



A família de Nazaré e o nascimento de Jesus trouxeram a simplicidade no encontro de tantas diferenças e ameaças. A verdade e o caminho iluminados pela “Estrela Guia” de que Cristo representa a síntese suprema da aventura divina-humana, pois Ele constitui o núcleo irradiante à consciência dinâmica da ação salvífica e criadora de Deus com o nascimento simbolizando a VIDA NOVA.

Um menino, em uma manjedoura, apresentado pelos pais, com visitas diferenciadas e abertas para a origem fundante e atualização interminável de uma mudança da humanidade de forma radical. Mudança para a honestidade

e seguimento aos planos de Deus Pai. Talvez nesse ponto resida o segredo do sentido do Natal em nossos dias.

Em meio aos apelos de princípios de uma sociedade consumista e perversa, em meio à espada da ordem dos “Herodes atuais” que mandam matar através da fome, da falta de trabalho, de não acolhimento às meninas que não podem ou não querem ficar com o que geram em seu ventre, a ganância, do desmatamento para ocupação das terras, a morte da natureza, a falta de respeito aos indígenas, aos negros, mulheres, homossexuais, as leis e medidas que sempre protegem os “reis de hoje”, a falta de atendimento médico e tantas outras formas de injustiça. Esses “Herodes” que desejam interromper a VIDA do Menino Deus que nasce em cada ser humano existente. Um Natal de diálogo com o mercado em vez de estar aberto no sentido decisivo e fundamental de iniciativas esperanças e suscitando a inquietude aberta a novos horizontes.

Um Natal de aprendizagens constantes de ser mais humano e cheio de amor que nos ajude a esperar no caminhar em justiças cotidianas. Uma marcha indo contra a lógica da vingança e negação do outro. Indo de encontro da gratuidade de um Amor que (re)nasce a cada Natal.

Natal, então, não se trata de uma lembrança de um aniversário ou preparação da festa de um aniversariante. Mas do ser humano não se perder nos braços da morte só contemplando ou comemorando com coisas materiais que uns podem e outros não têm acesso. Isso porque Deus nos escolheu em nossa fragilidade e os “escorregões” que damos na lógica atual impulsionando-nos a encontrarmos a humanidade de Jesus no outro e em nós mesmos.

Portanto, o Natal não pode ser um tormento para quem não pode encontrar a família de origem, não pode ser um martírio para quem arruma a casa para receber os filhos e eles resolvem ir para outro lugar ou até mesmo ficar em suas casas. Não pode ser momento de desperdício seja ele de comida, de palavras, de ações, de valores conseguidos. Não pode ser um momento de contrair dívidas que acabam deixando as pessoas tristes ou nervosas no mês seguinte; não pode ser um motivo de discórdia por ouvir o que não queria de alguém; não pode ser um momento de desenvolver frustrações por não ter conseguido o que desejava ou de não ter ganho presentes; não ser momento de ostentar. Não é momento de condenar porque pensamos diferente ou somos diferentes do outro.

Afinal, as condições que consideramos básicas, nesse período natalino, são a alegria e a ausência de armadilhas de nos acharmos acima de todos ou os melhores que os outros porque conseguimos reunir nossas famílias no Natal.

Obviamente a alegria é fundamental porque Jesus, com seu nascimento, pretende transmitir uma boa notícia. Ele se encarna em nossas vidas através da mensagem do amor de Deus aos humanos e, assim, a sintonia com Ele através do amor. E AMAR é simples! Entender o verdadeiro sentido do Natal é compreender a força interpeladora da existência concreta de Jesus em toda experiência humana.

O homem de hoje ante ao Menino Jesus de Nazaré e sua família, necessita exercer a capacidade de ser referência de uma vida humana de existir sem propagar o extermínio da vida em todos os sentidos ou as desigualdades em todo e qualquer lugar de seu cotidiano.

Não adianta comemorar o Natal em família sem a fé antropológica de valores que o Menino Deus encarnou em seu nascimento e que se revelaram em seu modo de falar e agir. Pois, a humanização de Jesus dá VIDA e potencializa os pequeninos sem valorizar a ação dos critérios de uma

sociedade de consumo, mas de atender a necessidade de cada um.

São os caminhos fraternos e justos ao cuidar do sentido da alegria do que pretendemos viver centrados no amor ao outro independente de considerarmos "inimigos", "violentos", "gananciosos", "poderosos", "miseráveis", "negro", "índio", "morador de rua" "ateus", "homossexuais", "transsexuais" ou qualquer outra "diferença".

Essa exigência natalina de nossa capacidade de amar nos torna humanos-divinos e nos conduz ao sentido da existência. Um Natal fazendo da história humana não uma festa anual e privada ou individualista. Porque o Natal é, por si só, a VIDA presente na diferença, no coletivo, na luta de um caminhar para encontrar o NOVO.

Desse modo, então, qual Natal estamos pretendendo celebrar? Qual seria o sentido mais profundo do Natal em nosso viver?

Apenas o de Jesus no presépio de cada casa ou o nosso "(re)nascido à vida divina-humana em Jesus"?

Solange e José Airton Monteiro
MFC RJ

UM FELIZ NATAL!

NATAL É NÃO ...

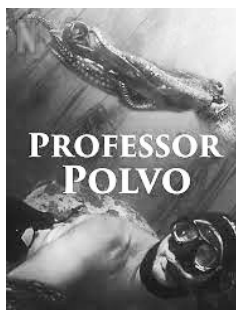
ao "adaptar" Jesus e o Evangelho às conveniências pessoais
à injustiça, ao individualismo, à omissão
à banalização do valor da vida humana
à redução das pessoas a expectadoras e consumidoras
à prisão na virtualidade ofuscando a realidade
à cultura do descartável, da superficialidade
à corrupção e à prostituição dos costumes
à perversidade econômica e política
à inconstitucional, criminosa e avassaladora destruição da
natureza criada por Deus ...

NATAL É SIM ...

à coerência entre fé, Evangelho e vida
às Bem-aventuranças
à fraternidade para construir uma terra de irmãos
ao mandamento "amai-vos uns aos outros" - ao(às) cris-
tãos(ãs) luz e fermento de transformação
à preservação do planeta, obra divina destinada a todos
ao trabalho, à moradia, alimentação, saúde, educação
ao Jesus que dá o verdadeiro sentido à vida ...
Abençoado NATAL!

*José Francisco M. Britto
Pelotas - RS*

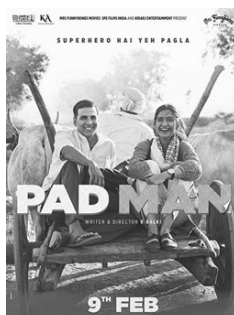




O Professor Polvo (África do Sul, 2020). Direção: James Reed Pippa Ehrlich. O Professor Polvo, Craig Foster, um documentarista exausto, conhece um professor improvável, um jovem polvo que mostra uma curiosidade notável. Visitando sua toca e rastreando seus movimentos por meses a fio, ele eventualmente ganha a confiança do animal e eles desenvolvem um vínculo nunca antes visto entre o humano e o animal selvagem. A expedição ocorre em uma floresta de algas na costa da África do Sul



Como estrelas na Terra. (Índia, 2007). Direção: Aamir Khan, Amole Gupte. É a história de uma criança que sofre com dificuldade de aprendizado e custa a ser compreendida. O jovem Ishaan, não consegue acompanhar as aulas ou focar sua atenção, e é tratado com muita rudeza por seu pai. Após serem chamados pela escola, o pai decide levá-lo a um internato, atitude que leva o pequeno a entrar em depressão. Um professor substituto de artes, Nikumbh, logo percebe o problema de Ishaan, e entra em ação com seu plano para devolver a ele a vontade de viver.



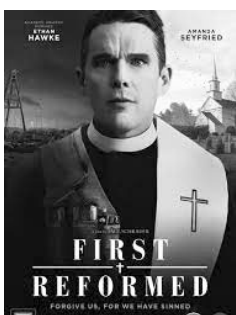
PADMAN. (Índia, 2018). Direção: R. Balki. O filme é baseado na história real de Arunachalam Muruganatham, inventor de uma máquina que produz absorvente feminino de baixo custo, ajudando a conscientizar a população sobre práticas anti-higiênicas tradicionais em torno da menstruação na Índia rural. O diretor lança reflexões intrigantes sobre um tema controverso e que pode suscitar um debate importante sobre costumes e tradições de uma sociedade marcada por um forte patriarcalismo e valores morais consolidados pela cultura indiana.



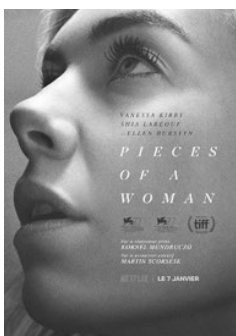
O DILEMA DAS REDES. (EUA, 2019). Direção: Jeff Orlowski. Especialistas em tecnologia e profissionais da área fazem um alerta: as redes sociais podem ter um impacto devastador sobre a democracia e a humanidade. As situações cotidianas apresentadas por uma família fictícia, que vive o drama de filhos adolescentes viciados em jogos e entretenimentos nas redes sociais, apontam o drama vivido no processo de virtualização das relações humanas na sociedade contemporânea, onde grandes empresas lucram bilhões de dólares todos os anos nesse processo de massificação coletiva.



INFILTRADO NA KLAN. (EUA, 2018). Direção: Spike Lee. Em 1978, Ron Stallworth, um policial negro do Colorado, conseguiu se infiltrar na KuKluxKlan local. Ele se comunicava com os outros membros do grupo através de telefonemas e cartas, quando precisava estar fisicamente presente enviava um outro policial branco no seu lugar. Spike Lee traduz em cenas dramáticas todo o processo de racismo estrutural arraigado em grupos fundamentalistas estadunidenses, como é o caso da KuKluxKlan, denunciando suas ações e inserções políticas no interior da mesma sociedade.



FÉ CORROMPIDA. (EUA, 2018). Direção: Paul Schrader. Um ex-militar capelão (Ethan Hawke) é torturado pela perda do filho que ele encorajou a se alistar nas forças armadas. Ele é ainda desafiado após fazer amizade com uma jovem paroquiana (Amanda Seyfried) e seu marido ambientalista. Ele logo descobre segredos escondidos da cumplicidade de sua igreja com empresas inescrupulosas, vivendo um drama que o tortura como um dilema de valores éticos diante da posição que ocupa diante de seus paroquianos.



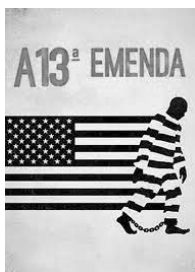
PIECES OF A WOMAN. (EUA, 2021). Direção: Kornél Mundruczó. Martha (Vanessa Kirby) e Sean Carson (Shia Labeouf) são um casal de Boston à beira de se tornarem pai e mãe, cujas vidas mudam irrevogavelmente durante um parto domiciliar. Após a perda, Martha busca reconciliar-se com sua mãe e recompor sua vida diante do vazio deixado pela ausência da filha.



UTOPIA E BARBÁRIE. (Brasil, 2009). Direção: Sílvia Tendler. O antes e o depois de diversos acontecimentos políticos e econômicos que, ao longo do seu desenvolvimento no curso do tempo, acabaram se distanciando de suas matrizes ideológicas. Através de registros feitos em mais de quinze países, o cineasta Sílvia Tendler reúne verdadeiras testemunhas de momentos extraordinários da história da humanidade. Uma película de imensurável valor histórico. Uma preciosa fonte de pesquisa na história da humanidade após a Segunda Guerra Mundial.



O DIÁRIO DO PESCADOR. Camarões, 2020. Direção: EnahJohnscott. Inspirado na biografia de MalalaYousafzai. Determinada a ir à escola numa vila de pescadores, onde a educação feminina é considerada tabu, a jovem adolescente Ekah possuiu um desejo enorme de romper barreiras e colocar abaixo os preconceitos. Ela vai se deparar com o passado de seu pai. O filme retrata o drama de muitas jovens africanas que enfrentam barreiras, a partir de suas próprias famílias, para se afirmarem como mulheres e constroem seus próprios caminhos.



13ª. EMENDA. EUA, 2016. Roteiro e Direção: Ava DuVernay. O Documentário que discute a décima terceira emenda à Constituição dos Estados Unidos - "Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado" - e seu terrível impacto na vida dos afro-americanos.

◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊ *Frase para reflexão:* ◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊

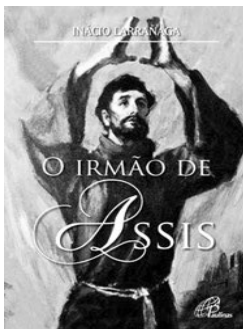


“A única coisa que a morte não nos poderá tirar é aquilo que tivermos dado.”

Jean-Yves Leloup:
“O Essencial no Amor”, p. 99.



DICAS DE LEITURA



1 – LARRANAGA, Inácio. O Irmão de Assis. Tradução José Carlos Corrêa Pedroso. 17ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

Nesta obra, o autor revela uma dimensão encarnada pela opção radical na vida de um jovem abastado na cidade de Assis, que modificou profundamente sua própria vida e de milhares de pessoas que o admiram por todo mundo. O Irmão de Assis busca ilustrar com sua vida o sinal sacramental da vida plena, em oração contrita com Deus e fraternidade com todos os seres filhos da Irmã Mãe Terra. Um livro imprescindível para quem deseja conhecer com maior profundidade evangélica a opção de Francisco de Assis pelos empobrecidos do mundo.



2 – MUNDURUKU, Daniel. Tempo de Histórias. Antologia de contos indígenas de ensinamento. Organização e apresentação de Heloisa Pietro. 2ª. ed. São Paulo: Salamandra, 2006.

Estas são falas sobre o tempo. Não o tempo vulgar, mas um tempo sagrado, porque interno, meu. Falas de mudança, de aprendizado, de escuta. Falas do tempo que nos escapa, a cada momento, e nos deixa, às vezes, vazios, mas também nos deixa preenhe do novo, da conquista, da vitória.

Nesta obra, o autor relata sua experiência como professor de Ensino Médio, numa escola paulistana. Daniel Mundurukuse autodenomina “confessor de meus sonhos”, relatando intensas experiências de troca afetiva e intelectual por meio das quais aprendeu que “para ensinar é preciso estar cheio, não de conhecimento, mas de futuro, de esperança, de tolerância, de orgulho”.

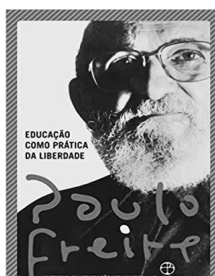
Um verdadeiro rito de passagem cujo grande desafio consiste em saber trilhar a ponte que une a tradição ancestral ao universo urbano, contemporâneo.



3 – CHOPRA, Deepak. O Terceiro Jesus – O Cristo que não podemos ignorar. Tradução Claudia Gerpe Duarte e Constantino K. Korovaeff. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Neste livro, o autor propõe uma autêntica revolução em nossa forma de entender o cristianismo. Ao atribuir contornos místicos e filosóficos à figura de Jesus, Chopra o liberta dos dogmas e rigores em que esteve confinado ao longo da história e privilegia uma interpretação mais ampla e contemplativa de seus ensinamentos.

Numa linguagem simples, o autor nos mostra que o legado de Jesus é acessível a todos, sejam quais forem suas origens étnicas, políticas e religiosas.

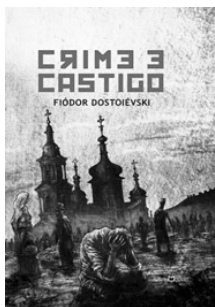


4 – FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. 14ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Que pensar de uma educação que admite o escândalo de um povo marginalizado e imerso na passividade?

Neste livro, Paulo Freire, em nome de uma educação orientada para a autenticidade, propõe condições e métodos para que ninguém seja mais excluído ou posto à margem da vida nacional.

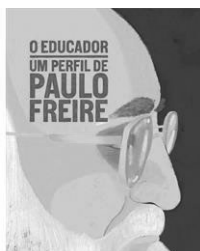
O que deve ser superado é o discurso vazio e o verbalismo vazio sobre a educação. O que deve ser instaurada é a pedagogia que começa pelo diálogo, pela comunicação, por uma nova relação de uma consciência crítica do mundo em que vive.



5 – DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Crime e Castigo. Tradução de Paulo Bezerra. Gravuras de Evandro Carlos Jardim. São Paulo: Editora 34, 2001.

Esta obra é publicada no ano de 1866 e representa uma nova etapa na obra do autor russo: a etapa dos grandes romances, que teria continuidade imediata em O Idiota (1868), Os demônios (1872), O adolescente (1875) e Os Irmãos Karamázov(1880).

Neste livro, o personagem central, Rodion Românicovitch Raskólnikov, um jovem estudante, pobre e desesperado, perambula pelas ruas de São Petersburgo até um cometer um crime que tentará justificar por uma teoria: grandes personagens da história, como César ou Napoleão, foram absolvidos pela História por seus crimes. Este ato desencadeia uma narrativa repleta de labirintos, arrastando a atenção do leitor por becos, tabernas e pequenos cômodos, povoados de personagens que lutam para preservar sua dignidade contra as várias formas de tirania.



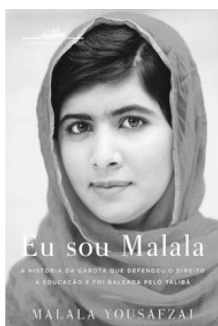
6 – HADDAD, Sérgio. O Educador: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019.

O livro recupera a experiência exitosa de Paulo Freire em Angicos, no Rio Grande do Norte, às vésperas do golpe civil militar de 1964. O método de alfabetização em quarenta horas que o educador concretizou ali chamou a atenção do governo João Goulart, que planejava aplicá-lo no restante do país.

Não houve tempo hábil. Assim que os militares assumiram o poder, já tinham no radar o professor subversivo, que foi alvo de perseguição imediata e logo tachado de “criptocomunista encapuçado sob a forma de alfabetizador” – qualquer semelhança com o Brasil atual não é mera coincidência.

Depois vieram a prisão, o exílio, a consagração internacional, as vivências na África, a volta ao Brasil após a anistia, a retomada da carreira acadêmica e a experiência como secretário de Educação da cidade de São Paulo.

Em todas essas passagens, o que surge é um pensador inquieto, distante dos estereótipos brandidos por seus detratores. Com descrição e generosidade, Sérgio Haddad refaz o percurso de Paulo Freire sem aderir à disputa ideológica, revelando as muitas facetas de um intelectual complexo e decisivo para a cultura brasileira.



7 – YOUSAFZAI, Malala. Eu sou Malala, com Christina Lamb. A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. Tradução Caroline Chang, Denise Bottmann, George Schlesinger e Luciano Vieira Machado. 1ª. ed. 21ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Quem é Malala? O mundo a conheceu em outubro de 2012, quando foi baleada por extremistas do Talibã por insistir no direito das mulheres à educação. Mas Malala não é apenas um símbolo da luta por uma causa nobre.

É uma personalidade excepcional, criada num ambiente rodeado por adversidades impensáveis ao leitor de países habituados à democracia. Em linguagem simples, direta e confessional, o livro acompanha a infância da garota no vale do Swat, no Paquistão – onde seu pai era dono de uma escola particular –, os primeiros anos de estudante, as asperezas da vida numa região marcada pela desigualdade social, as belezas do deserto e as trevas da vida sob o Talibã.

Escrito em parceria com a jornalista britânica Christina Lamb, este livro é uma janela para a singularidade poderosa de uma menina

cheia de brio e talento, mas também para um universo religioso e cultural repleto de interdições e particularidades, muitas vezes incompreendido pelo Ocidente. A história de Malala renova a crença na possibilidade de que a vida de uma única pessoa seja o bastante para inspirar e modificar o mundo.



8 –CÂMARA, Hélder. Família: missão de Amor. São Paulo: Paulinas, 1997.

O bispo Hélder Câmara (1909 – 1999) reúne neste livro poemas e textos sobre a sacramentalidade da família e de sua missão apostólica no mundo, no empenho “em promovê-la, num esforço coletivo de conversão das falhas humanas que a desafiam na conquista da felicidade” (p. 7).

*“Quando o ser humano julga
que se salva seguindo as
prescrições, afoga-se no
anonimato nivelador da
massificação, sem esperança e
sem fé, domesticado e
acomodado: já não é sujeito.
Rebaixa-se a puro objeto.
Coisifica-se.”*

Paulo Freire: “Educação como prática da Liberdade”, p. 43.



*“Você precisa confiar em sua
capacidade de amar enquanto
cresce espiritualmente. Nos estados
mais elevados de consciência,
o amor tem poder. A mudança
que está arraigada no desamor na
verdade não resolve coisa alguma.”*

Deepak Chopra,
O Terceiro Jesus, p. 249.





A vida é processo de crescimento da alma ao encontro da Grandeza divina.

Aproveita as lutas e dificuldades da senda para a expansão de ti mesmo, dilatando o teu círculo de relações e de ação.

Aprendamos para esclarecer.

Entesouremos para ajudar.

Engrandeçamo-nos para proteger.

Eduquemo-nos para servir.

Com o ato de fazer e dar alguma coisa, a alma se estende sempre mais além...

Guardando a bênção recebida para si somente, o espírito, muitas vezes, apenas se adorna, mas, espalhando a riqueza de que é portador, cresce constantemente.

Na prestação de serviço aos semelhantes, incorpora-se, naturalmente, ao coro das alegrias que provoca.

[...]

O mundo é caminho vasto de evolução e aprimoramento, onde transitam, ao teu lado, a ignorância e a fraqueza.

Aproveita a gloriosa oportunidade de expansão que a esfera física te confere e ajuda a quem passa, sem cogitar de pagamento de qualquer natureza.

O próximo é a nossa ponte de ligação com Deus.

Fonte: Francisco Cândido Xavier / Emmanuel:
"Fonte Viva", p. 157 – 158.



COMO VAI SER, NÃO SEI...

Como vai ser, não sei,
mas, levados pelo Vosso Espírito,
os jovens dos nossos tempos
farão o que seus pais
não souberam
ou não puderam fazer.
Acabarão com as guerras.
Liquidarão, inclusive,
a mais triste, a mais hipócrita
e, no entanto, a mais sangrenta
de todas: a guerra da miséria.
Acabarão com as prisões,
transformando-as, de verdade,
em ajuda psicológica,
espiritual, educativa.
Abolirão da face da terra
a vergonha das vergonhas, a tortura!
Clamarão não apenas paz e bem.
Dirão bem alto para o mundo inteiro escutar
justiça e amor como caminhos à Paz.

*Fonte: CÂMARA, Hélder. Família: missão de Amor.
São Paulo: Paulinas, 1997, p. 65 - 66.*